

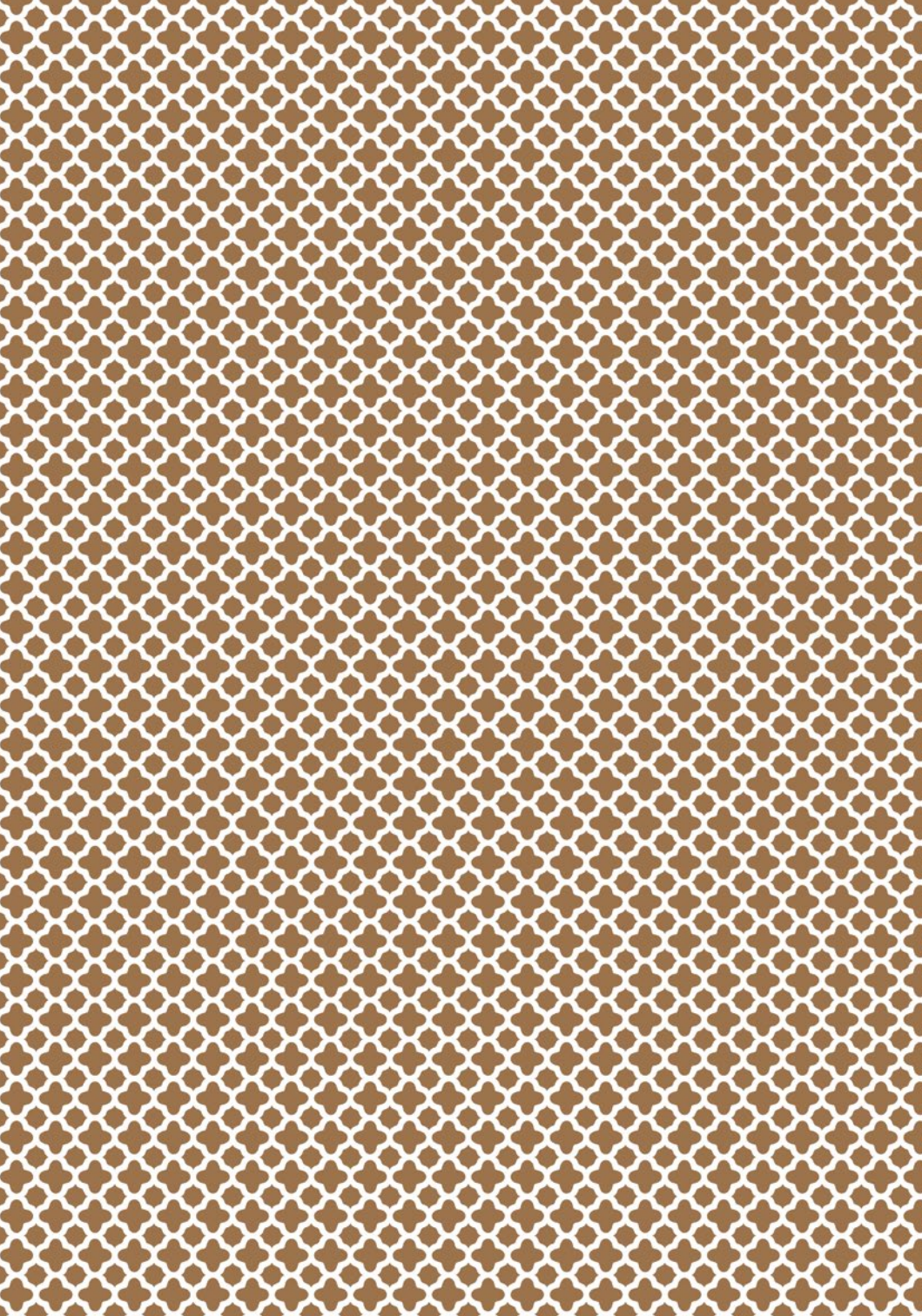
A book of poetry

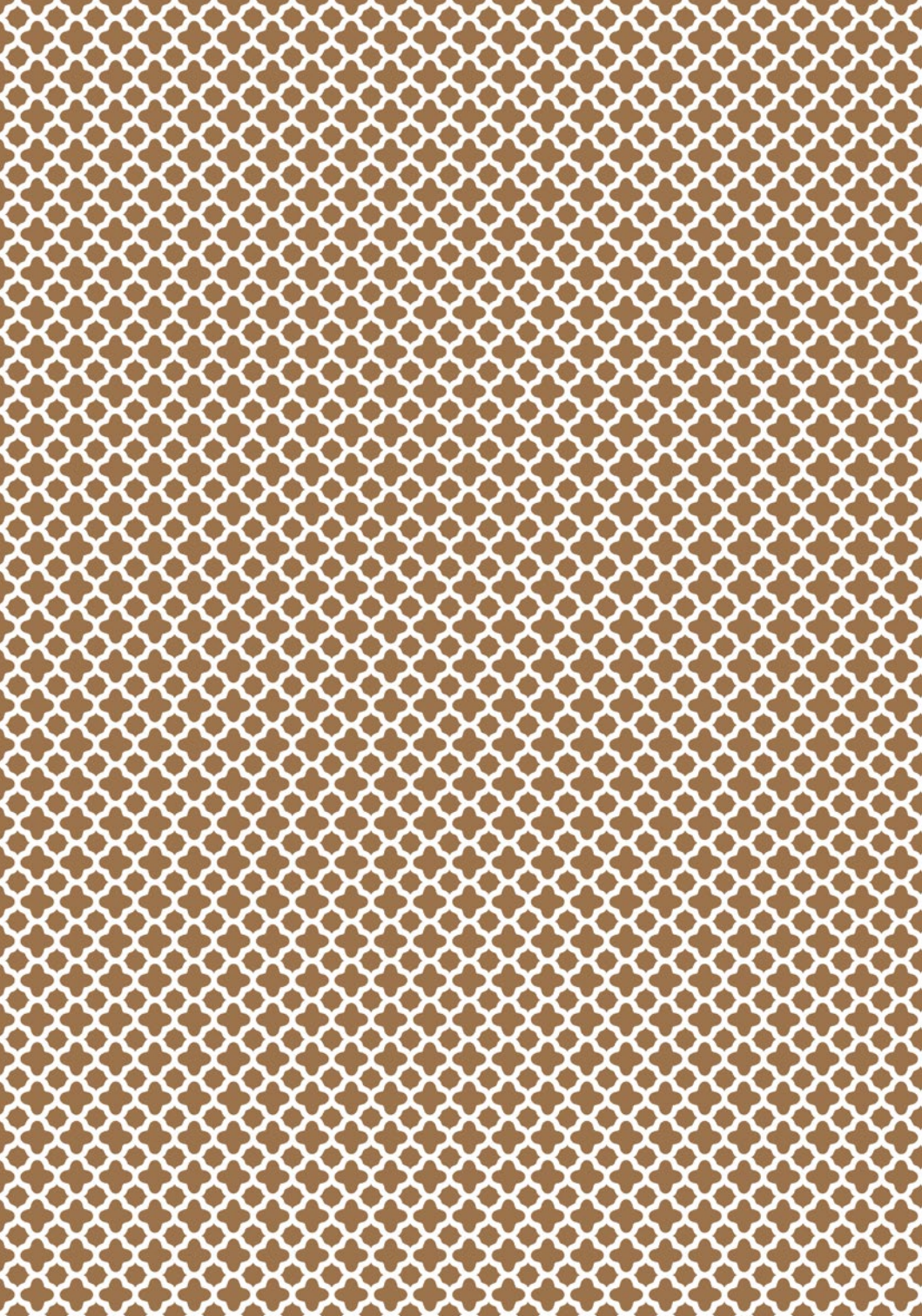
# Cartographya



Salvador Santos

Edição e tradução de Maria José Marques







# Cartographya



A book of poetry

# Cartographya

Salvador Santos

Cartographya

**Autor**

Salvador Santos

**Design e ilustração**

Hellen Lopes Mucelli

**Edição e tradução**

Maria José Marques

CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve

UALg – Universidade do Algarve, Campus de Gambelas, 8005-139 Faro

[www.ciac.pt](http://www.ciac.pt) | [secretaria.ualg@ciac.pt](mailto:secretaria.ualg@ciac.pt)

**ISBN (versão eletrónica):** 978-989-9127-10-6

**DOI:** 10.34623/4vy1-aw50

**Paginação e produção editorial**

Juan Manuel Escribano Loza

Reservados todos os direitos

© 2022 Copyright by Salvador Santos, Hellen Lopes Mucelli, Maria José Marques e Sílvia Quinteiro

**CIAC.**  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO  
EM ARTES E COMUNICAÇÃO

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

**Esta publicação é financiada por fundos nacionais através do projeto  
“UIDB/04019/2020 CIAC” da Fundação para a Ciência e Tecnologia.**

# Índice

Prefácio/Foreword	7
Alcoutim	15
125. Sotavento/125. Leeward	21
Vila Real de Santo António	25
Tavira	33
Olhão	49
Faro	59
São Brás de Alportel	73
EN2	77
Serra	81
Loulé	91
Albufeira	119
Silves	123
Portimão	127
Lagos	135
Vila do Bispo	143
Aljezur	149
Mar/Ocean	153



# Prefácio

## Foreword

Apesar de ser um destino de férias icônico, motivando anualmente milhões de visitas, o Algarve está longe de ser um território muito representado na literatura. Ainda assim, escritores locais como João Lúcio, Emiliano da Costa, Manuel Teixeira Gomes, Cândido Guerreiro ou Lídia Jorge, e escritores de fora do Algarve, como Raul Brandão, Miguel Torga, Sophia de Mello Breyner e José Saramago presenteiam os leitores com as paisagens algarvias desenhadas pelas suas palavras.

Não cabe neste prefácio a procura de uma explicação para o vazio na representação literária da paisagem de um território tão visitado por portugueses e estrangeiros, antes o regozijo pela viagem ao Algarve que nos é proporcionada pela poesia de Salvador Santos. Uma verdadeira revisitação de um território que, não sendo vasto, é heterogêneo, tanto na sua geografia física, que se compõe de serra, barrocal e litoral (sotavento e barlavento), como na sua geografia humana, na inevitável distinção entre a gente da serra, a gente do mar, a gente do campo, a gente da cidade e os visitantes (viajantes e turistas). É sobre este mapa físico que Salvador Santos, poeta-viajante, apresenta aos leitores um eu-poético que desenha o seu mapa do Algarve, a sua *Cartographya*.

Constituído por um conjunto de poemas que nos conduzem à descoberta da região, partindo de Alcoutim em direção a Sagres, este livro de paisagens é um precioso contributo para a construção de uma cartografia literária da região. Note-se que estes poemas não foram escritos com o objetivo de produzir um volume dedicado ao Algarve. Poemas que resultam das deslocações do poeta pelo território, dos momentos de pausa nessas deslocações e da sua posterior organização.

Os textos aqui reunidos são a consequência de uma sensibilidade extrema do eu-poético ao que o envolve, à natureza, aos objetos, às pessoas, às movimentações, à alma de cada pedaço de espaço que isola, construindo lugares únicos. Em *Cartographya*, o território algarvio surge como o “espaço indiferenciado [que se transforma] em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”.<sup>1</sup> Neste caso, à medida que o eu-poético conhece melhor e vivencia o território algarvio. Um Algarve que, visto no seu todo, é espaço e, como tal, “permite movimento”, por oposição ao lugar que é “pausa”, às pequenas frações de espaço que lhe dão forma e que são paragens no movimento transformadas por Salvador Santos em poemas/lugares.

---

1 Yi-Fu, Tuan ([1977] 1983), *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência*, São Paulo: Difel, p. 6.

E é da soma destas pausas, destes poemas organizados em forma de percurso de sotavento para barlavento, que se constrói o mapa que orienta o leitor em *Cartographya*.

É, pois, verdade que “[u]m mapa enuncia a ideia que temos do mundo, não a sua realidade”.<sup>2</sup> Um mapa, real ou imaginário, é inevitavelmente o resultado de uma seleção, de uma visão, ou seja da subjetividade própria de um objecto gerado por um olhar. A cartografia literária é disso exemplo, pois, como nos diz Robert Tally Jr., não corresponde a uma “forma literal de mapear, [...] em vez disso, envolve os caminhos e meios pelos quais uma determinada obra literária funciona como um mapa figurativo, servindo como uma forma orientadora ou de fazer sentido”<sup>3</sup> (tradução nossa). E, com efeito, mais do que um mapa literal do Algarve, a *Cartographya* de Salvador Santos é um caminho, um convite a percorrer a região algarvia, fazendo as mesmas pausas que o eu-poético fez, lançando sobre cada lugar um olhar mediado pela sua escrita, pelo seu ver e pelo sentir. É ser, como o poeta, um viajante que descobre o Algarve nos lugares mais improváveis, nos seus recantos mais desconhecidos, no quotidiano dos seus habitantes, num léxico único.

Percorrer as páginas deste livro é partilhar a viagem com o poeta-viajante. É acompanhá-lo na evocação e convocação de memórias e fantasmas que faz presentes no momento da (re)escrita dos lugares, desenhando um Algarve que é simultaneamente familiar, como a casa da infância, e um lugar estranho. É deixarmo-nos ir como um viajante que deambulou física e mentalmente pela cartografia geográfica guiado por uma “travelling imagination” que transpõe para o papel sobre o qual materializa o seu Algarve e o oferece aos leitores em forma de poemas.

Na verdade, esta noção de “travelling imagination”, que é proposta por Nadia Butt (e de difícil tradução para o português), apresenta um conjunto de dimensões que podemos encontrar na obra de Salvador Santos, nomeadamente a psicológica, a cultural, e a individual. Para além disso, à medida que o leitor é guiado por todo o Algarve, a experiência da viagem é externalizada através da linguagem, física e mentalmente, pelos três elementos que, segundo Butt, compõem a “travelling imagination”: i) a geografia – os locais/espacos dos textos são identificados, não só pela sua localização real, mas também pela quantidade de detalhes que o escritor utiliza para melhor descrever paisagens e topografias; ii) as pessoas – o Algarve dos textos de Salvador é, sobretudo, o Algarve dos residentes comparado com o dos turistas, num contraste constante entre

---

2 Onfray, Michel, ([2007] (2019), *Teoria da viagem: Poética da Geografia*, Lisboa: Quetzal, p. 30.

3 Tally Jr, Robert (2018), *Topophobia: Space, narrative, and the spatial imagination*, Bloomington: Indiana University Press, p. 116.

4 Tal como é definida por Nadia Butt, em “The travelling imagination”, *Working definitions in literature and tourism: a guide*, Faro: CIAC/Universidade do Algarve (no prelo).

o autêntico e o fabricado, o nativo e o estrangeiro, o eu e o Outro; iii) a viagem – para além de uma viagem física e real por percursos terrestres e paisagens aquáticas, o leitor encontra novos significados, diferentes alteridades culturais, diferentes mentalidades. Portanto, o leitor é guiado por uma viagem imaginária, mental e literária, pelas ilhas distantes, pelas fortalezas abandonadas, pela paisagem dura do interior algarvio, pelo brilho do sol infinito, pelo branco do sal e das paredes calcárias. O leitor testemunha as tradições, memórias, tristezas e alegrias dos moradores, a solidão dos pastores e dos pescadores. Locais, pessoas reais, tantas vezes esquecidas e preteridas em prol da ávida e lucrativa indústria de turismo.

Como referimos no início, são escassas as referências literárias estrangeiras ao Algarve e poucas aquelas a que os leitores de língua não portuguesa têm acesso, uma vez que se trata de autores pouco ou nada traduzidos. Daí a decisão de se traduzirem os textos de Salvador Santos e de se fazer esta edição bilingue.

Mas qual é a tarefa do tradutor?, perguntou Walter Benjamin.<sup>5</sup> É, sem dúvida, dar aos leitores de diferentes línguas a possibilidade de conhecerem textos aos quais, de outra forma, não poderiam aceder. Trata-se, portanto, de um processo que visa transportar um texto original para um texto estrangeiro (Levy),<sup>6</sup> processo esse que se deve reger pelo princípio da lealdade: um princípio ético, indispensável nas relações entre seres humanos parceiros num qualquer processo de comunicação (Christiane Nord).<sup>7</sup> Para além disso, a tradução desempenha um papel crucial em qualquer sistema cultural e, assim o esperamos, continuará a ganhar importância, em particular nos polissistemas literários (Itamar Even-Zohar).<sup>8</sup>

Enquanto leitor privilegiado do texto de partida e conhecedor do público-alvo do texto de chegada, recai sobre o tradutor a responsabilidade relativa a todos os passos do processo translatório: a uma decisão segue-se outra, até que gradualmente o número de soluções potenciais para problemas de tradução é encontrado, tornando-se possível alcançar valores e atitudes subjacentes aos modelos e noções de correção vigentes (Theo Hermans).<sup>9</sup>

---

5 Referência ao sobejamente conhecido artigo de Walter Benjamin “A tarefa do tradutor” (1921).

6 Levý, Jiri ([1967] (2000), “Translation as a Decision Process”, *The Translations Studies Reader*, London and New York: Routledge, pp. 148-159.

7 Nord, Christian (1991), “Skopos, Loyalty and Translational Conventions”, *Target*, 3 (1). Amsterdam: John Benjamins, pp. 91-109.

8 Even-Zohar, Itamar (1990), “Polysystem Studies”, *Poetics Today*, 11 (1), pp. 9-26.

9 Hermans, Theo (1999), *Translation in Systems*, Manchester: St. Jerome Publishing, como definido em Hermans, Theo (1985), “Introduction”, *The Manipulation of Literature*, London and Sydney: Croom Helm.

Se o poeta reescreve os lugares por onde viaja, também esta tradução o faz. Tendo por base um enquadramento conceptual dos estudos descritivos de tradução, o objetivo é refletir a personalidade ou intenção do autor do texto de partida ou o significado essencial colocado no original. Trata-se, portanto, de um exercício da tradução como uma forma de reescrita, para que o texto de chegada se leia como um original: como afirma Lawrence Venuti,<sup>10</sup> quanto mais fluente a tradução, mais invisível o tradutor e mais visível o escritor e o significado original do texto de partida.

A reescrita de *Cartographya* que se propõe nesta edição bilingue tem por base este princípio, visando, pois, proporcionar ao leitor estrangeiro uma viagem pelo Algarve tão próxima quanto possível da efetuada pelo eu-poético.

---

10 Venuti, Lawrence ([1994] 2002), *The translator's invisibility: A History of translation*, Oxfordshire: Routledge.

Despite being a renowned holiday destination that motivates millions of visits annually, the Algarve, as a territory, is not frequently represented in literature. Nevertheless, local writers (such as João Lúcio, Emiliano da Costa, Manuel Teixeira Gomes, Cândido Guerreiro or Lúcia Jorge), and writers from other regions (such as Raul Brandão, Miguel Torga, Sophia de Mello Breyner or José Saramago) have been depicting the Algarve landscapes with their words.

The purpose of this foreword is not to seek an explanation for this void in literary representation of the landscape in such visited territory, but to rejoice with the possibility of undertaking a journey through the Algarve with Salvador Santos' poetry. This is a unique revisit of a small yet heterogeneous territory, whether one refers to its physical geography (mountains, barrocal and coastline – windward and leeward), or to its human geography, in the inevitable distinction between people from the inland and people from the sea, people from the city, and visitors (travellers and tourists). It is on this physical map that Salvador Santos, a traveller-poet, presents his readers with a poetic self who draws his map of the Algarve, his *Cartographya*.

This book of landscapes is therefore a precious contribution for the construction of a literary cartography of the territory and the poems lead us in the discovery of the region, on a route from Alcoutim towards Aljezur.

It should be noted that these poems were not written with the aim of producing a volume dedicated to the Algarve. They result from the poet's movements through the area and from the moments of pause in these movements, and the subsequent organization/edition of the texts. The poems gathered here are the result of an extreme sensitivity of the poetic self to its surroundings: to nature, to objects, to people, to changes, to the soul of every piece of space it isolates. In *Cartographya*, the Algarve territory emerges as the “undifferentiated space [that becomes] a place, as we come to know it better and we give it value.”<sup>1</sup> In this case, as the poetic self knows and experiences the territory better. This Algarve, seen as a whole, is space and, as such, “allows movement”, as opposed to place which are “pauses” (the small fractions of space that are stops in the movement), pauses which Salvador Santos transforms from spaces into poems/places. It is then from the sum of these pauses, of these poems, organized in the form of a path from leeward to windward, that the map that guides the reader in *Cartographya* is constructed.

Indeed, “a map enunciates the idea we have of the world, not its reality.”<sup>2</sup> A map, real or imaginary, is inevitably the result of a selection, of a vision, that is, of the subjectivity proper to an object generated by a *look*. Literary cartography is an example of this because, as Robert Tally Jr. tells us, it does not correspond to a “literal form of

---

1 Tuan, Yi-Fu (1983), *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*, São Paulo: Difel, p. 6.

2 Onfray, Michael, ([2007] (2019), *Teoria da viagem: poética da geografia*, Lisboa: Quetzal, p. 30

mapmaking, after all; rather, it involves the ways and means by which a given work of literature functions as a figurative map, serving as an orientating or sense-making form.<sup>23</sup>

*Cartographya* goes beyond a map. It is a path, an invitation to go through the Algarve region, taking the same pauses as the poetic self, casting over each place a look mediated by its writing, by its gaze and feeling. It is to be, as the poet is, a traveller, who discovers the Algarve in the most unlikely places, in its most unknown corners, in the daily life of its inhabitants. Scrolling through the pages of this book is to share the journey with the poet-traveller. It is to accompany him in evoking memories he makes present as he (re)writes the places. A poet-traveller whose thoughts wandered through geographical cartography, guided by what Nadia Butt refers to as “the travelling imagination”, and who transposed this travelling imagination into a unique writing, showing and offering his Algarve to the readers.

In fact, the travelling imagination has psychological, cultural, and individual dimensions and in these texts one can find them all. As the reader is guided across the Algarve, the travel experience is externalised through language, physically and imaginatively, in the three elements defined by Nadia Butt:<sup>4</sup> i) geography – the places/spaces of the texts are identified, not only through their actual location but also through the amount of details the writer uses to better describe landscapes and topographies; ii) people – the Algarve from Salvador’s texts is, above all, the Algarve of the residents, as compared to that of the tourists, in a constant contrast between the authentic and the fabricated, the native and the foreigner, the self and the other; iii) journey – aside from a physical actual journey through roads and seas, the reader finds new meanings, different cultural alterities, different mindsets. Therefore, the reader is guided on a mental travel which is an imaginary and a literary travel to distant islands, to forsaken fortresses, to the hard landscape of the inland, along the brightness of the sun, of the salted whites, and of the limestone walls. The reader bears witness to local traditions, memories, sorrows and joys of the residents, the solitude of shepherds and of fishermen. Locals, real people, so often forgotten by a greedy tourism industry.

As mentioned before, there are only a few foreign literary references to the Algarve and even fewer to which non-Portuguese language readers have access. Hence the decision to translate Salvador Santos’ texts and to make a bilingual edition.

But then, what is the task of the translator?, Walter Benjamin asked.<sup>5</sup> Without a doubt, to enable readers of different languages with the possibility of getting to know

---

3 Tally Jr, Robert . (2018), *Topophobia: Space, narrative, and the spatial imagination*, Bloomington: Indiana University Press, p. 116.

4 As defined by Nadia Butt (2022) in “The travelling imagination”, *Working definitions in literature and tourism: a guide*, Faro: CIAC/Universidade do Algarve (forthcoming).

5 Reference to Walter Benjamin’s celebrated essay “The Task of the Translator” (1921).

texts that otherwise would have remained unrevealed. It is, therefore, a process that aims to impart the knowledge of the original to the foreign text (Jiri Levy)<sup>6</sup> that should be rendered especially through *loyalty*: a moral principle, indispensable in the relationships between human beings who are partners in any communication methodology (Christiane Nord).<sup>7</sup> Furthermore, translation has a role within cultural systems, and hopefully it will continue to gain importance within the literary polysystem (Itamar Even-Zohar).<sup>8</sup>

Every translation is directed at an intended audience, and at the same time, a text can gain as many meanings as there are receivers. But as a privileged reader of the source text, it is upon the translator a series of decision-making processes: one decision follows another, and gradually the number of potential solutions for translational problems is reduced until the values and attitudes that lie behind models and correctness notions are achieved (Theo Hermans)<sup>9</sup> – in this case, bearing in mind that the rewriting of poetry is particularly challenging.

Thus, as the poet, who rewrites the places he travels into, so does this translation. Within a particular conceptual framework in descriptive translation studies,<sup>10</sup> our ultimate goal is to reflect the source text writer's personality, or intention, or the essential meaning placed on the original. We, too, focus on translation as a form of rewriting, so that the target text reads as an original: as stated by Lawrence Venuti,<sup>11</sup> the more fluent the translation, the more invisible the translator and, the more visible the writer and the meaning of the original text.

This rewriting is therefore a means to provide access to a collection of beautiful, heartfelt Portuguese texts, on a guided journey across the Algarve. So let us go then, you and I<sup>12</sup> and take this journey.

Sílvia Quinteiro  
Maria José Marques

---

6 Levy, Jiri ([1967] (2000), "Translation as a Decision Process" in *The Translations Studies Reader*, London and New York: Routledge, pp. 148-159.

7 Nord, Christiane (1991), "Skopos, Loyalty and Translational Conventions" in *Target*, 3 (1), Amsterdam: John Benjamins, pp. 91-109.

8 Even-Zohar, Itamar (1990), "Polysystem Studies" in *Poetics Today*, 11 (1), Durham: Duke University Press.

9 Hermans, Theo (1999), *Translation in Systems*, Manchester: St. Jerome Publishing.

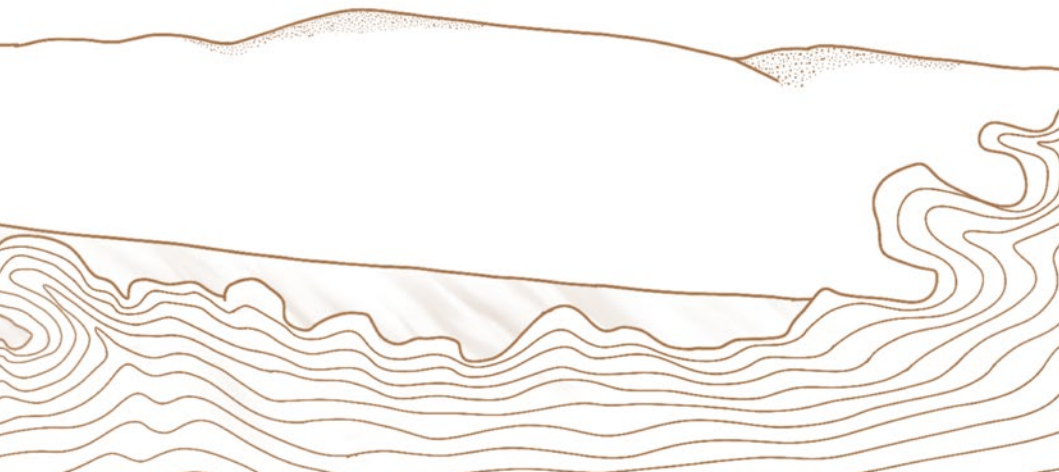
10 As defined by Theo Hermans (1985) in the introduction to *The Manipulation of Literature*, London and Sydney: Croom Helm.

11 Venuti, Lawrence ([1994] (2002), *The Translator's Invisibility*, London and New York: Routledge.

12 Reference to T.S. Eliot's poem *The Love Song of J. Alfred Prufrock*.



Alcoutim



A cal mais pura entre o silêncio das paredes.  
As casas a imitar o movimento perpétuo  
dos animais que vão matar a sede ao rio.  
Os montes como duas mãos juntas  
à volta de tudo.  
As cigarras ainda possíveis nos dias de calor.  
A corrente a descer ao mar  
a mesma margem de duas línguas.  
A igreja a dar o ombro ao rio. O rosto  
na direção do mar.  
O Guadiana a desenhar a fronteira líquida.  
Do outro lado Espanha  
a baixar-se, branca, até às águas.  
O povo num plano. Os moinhos próximos.  
O castelo, um olho alto sobre tudo.  
O tempo mais fatal do que a lança de D. Quixote.

The purest limestone between the silent walls.  
Houses mimicking the perpetual movement  
of the animals that douse their thirst on the river.  
The hills like two hands together  
embracing all.  
The possible cicadas still on hot days.  
The tide descending onto the sea  
the same bank of two languages.  
The church shouldering the river. The face  
towards the sea.  
The Guadiana drawing a liquid border.  
On the other side Spain  
lowering itself, white, to meet the waters.  
Houses levelled. The nearby windmills.  
The castle, a high eye over everything.  
The time deadlier than Don Quixote's spear.

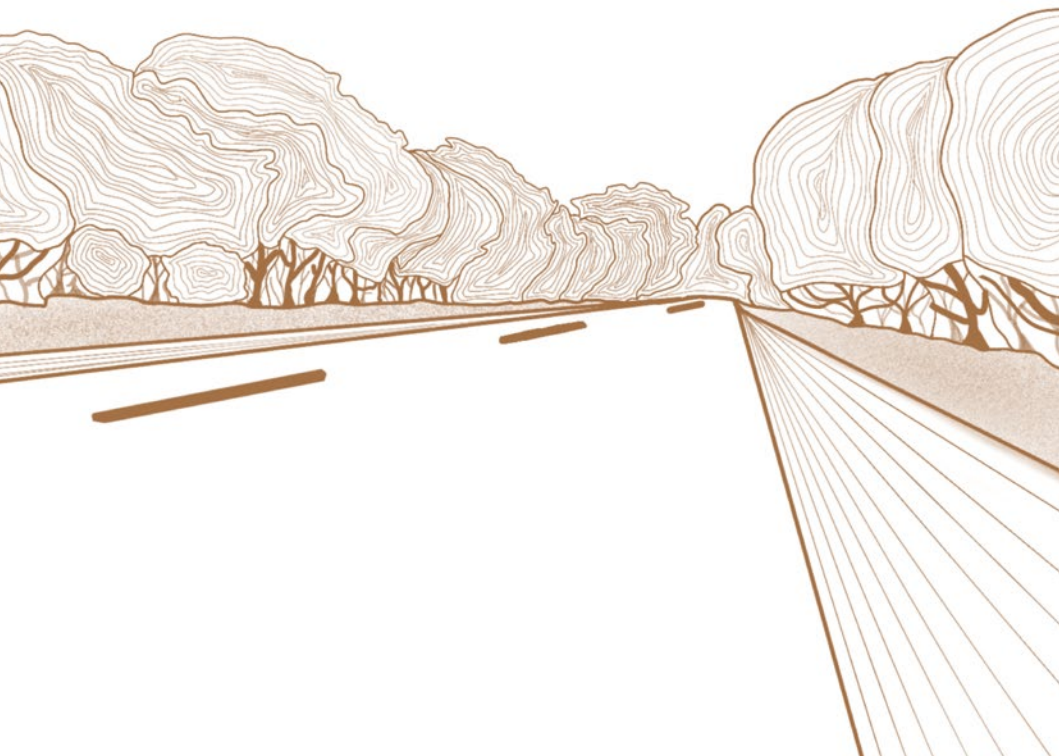
Portugal quase fora de si.  
O Algarve a um olho de Espanha.  
O verão a atirar toda a sua violência  
contra as paredes de cal.  
A sombra a declarar-se o lugar astuto  
para habitar.  
A boca seca das casas.  
O corpo a reduzir-se a líquido.  
A vida a tender para o rio.  
Enquanto o cemitério dorme os seus defuntos  
as casas vencem, porta a porta,  
a distância entre o altar e a sepultura.

Portugal almost beyond itself.  
The Algarve at a glimpse from Spain.  
Summer throwing all its violence  
against the limestone walls.  
Shades proclaiming to be the astute site  
to dwell.  
The dry mouth of the houses.  
The body reducing to wetness.  
Life leaning towards the river.  
As the cemetery sleeps its dead  
the houses overcome, door to door,  
the distance between the altar and the grave.



125. Sotavento

125. Leeward



Os pomares a perseguirem a estrada.  
A mistura verde e laranja das árvores.  
O mar dentro dos olhos. A estrada suada.  
A distância a cair nos marcos antigos.  
Por vezes o comboio. Por vezes a cal.  
As platibandas geométricas. O gume dos catos.  
As palmeiras exóticas.  
Na Luz as casas contínuas depois da ilha.  
O sapal, entretanto.  
Agora o rio. A língua quebrada

The orchards chasing the road.  
The green and orange blending of the trees.  
The sea in the eyes. The moisty road.  
Distance falling on the old milestones.  
Sometimes, the train. Sometimes, the limestone.  
The geometric platbands. The edge of cactuses.  
The exotic palm trees.  
At Luz the continued houses after the island.  
The marsh, in the meantime.  
Now the river. A broken tongue



Vila Real de Santo  
António



Escadas de cimento descem ao rio  
a habitação da terra.  
A corrente leva-nos ao lugar onde  
as águas se casam.  
Na vegetação que cobre as dunas  
o murmúrio das águas são rios subterrâneos  
no gemido dos corpos.  
Na Ponta da Areia terminam-te os pés.

Stairs of concrete descend to the river  
the dwelling of land.

The tide leads us to the place where  
waters wed.

In the vegetation that covers the dunes  
the whispers of the waters are underground rivers  
in the moaning of bodies.

At Ponta da Areia your feet end.

A luz intransponível  
recolhida na esquadria perfeita da praça.  
O prumo longo das ruas.  
O rio perto e Espanha no meio de nós.  
Arquitetura e gente.  
Na dramaturgia rotineira da cidade um homem  
rasga o vazio como um barco obsesso de cor  
a navegar as marés.  
O poeta adiado no ofício burocrático do nosso viver  
entrega-se desvivido ao expediente municipal.

To Miguel Godinho

The insurmountable light  
gathered in the perfect frame of the square.  
The long plumb line of the streets.  
The river close and Spain in between.  
Architecture and people.  
In the routine dramatology of the town a man  
splits the void like a boat bursting with colour  
navigating the tides.  
The postponed poet in the bureaucratic office of our living  
surrenders unlived to the municipal workday.

## Travessias

Em Cacela, nem todos os verões são um ócio exilado.  
Nem sempre o sol é este agosto.  
Nem sempre o branco salgado entra pelos olhos de cal  
com o sabor geométrico do azul.

Atrás da igreja, as folhas perpétuas  
das árvores de ferro atravessam os outonos.  
Com a água rasa o mar é uma distância tranquila.  
Os caranguejos ceifam a transparência líquida dos pés.  
A infância toma de assalto os barcos pousados sobre a areia.

Quem poderia imaginar o horóscopo das tardes de enchente?  
O efeito das marés?  
Os corpos a diminuir na água. O perigo.  
A boca líquida da ria.

## Crossings

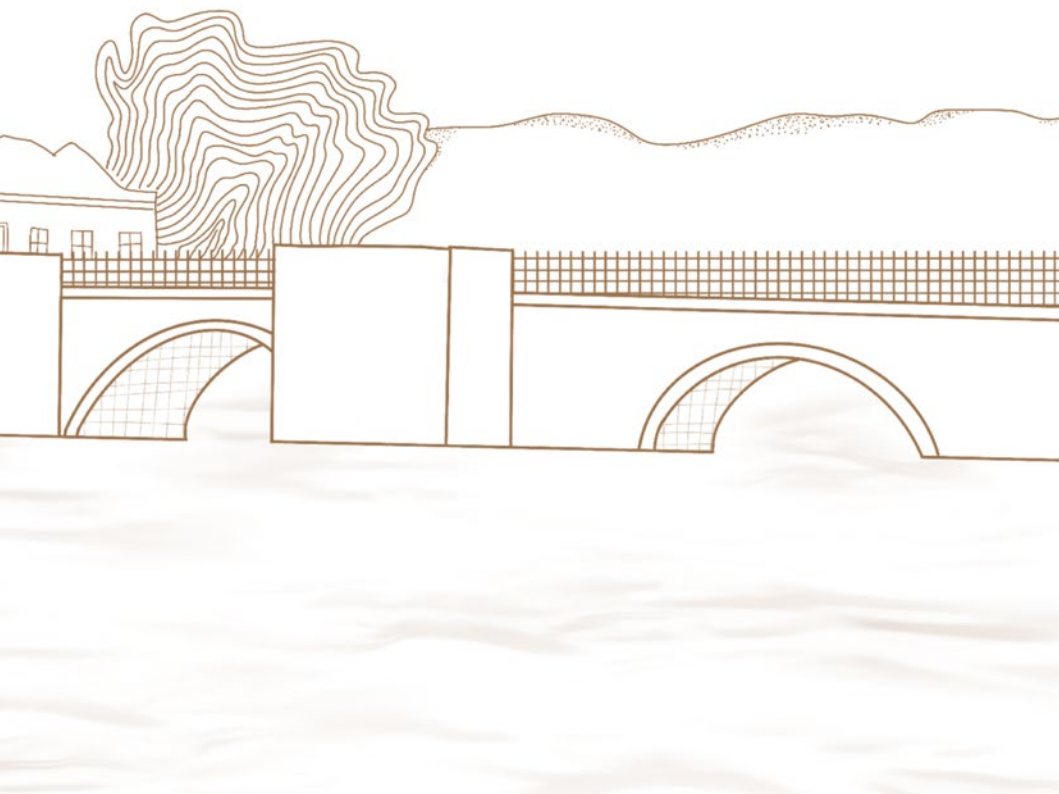
At Cacela, not every Summer is an outcast leisure.  
The sun is not always this August.  
The salted white does not always enter the limestone eyes  
with the geometric flavour of the blue.

Behind the church, the endless leaves  
of the iron trees cross the Autumns.  
With the low water the sea is a tranquil distance.  
The crayfish harvest the liquid transparency of the feet.  
The childhood raids the boats placed on the sand.

Who could have imagined the horoscope of flooded afternoons?  
The outcome of tides?  
The bodies lessening in the water. The danger.  
The liquid mouth of the wetland.



# Tavira



Casas chegadas a deus a distância  
de uma rua atravessada.  
Largos de silêncio imediato.  
Ruas com um sabor inexplicável a absinto.  
O peso dos sinos a crescer na sombra  
impercetível da tarde.  
Casas que são cofres de uma aristocracia antiga.  
O adeus de bronze em suspenso na estação.  
O rio a soldar os dois lados da cidade.

Houses close to god the distance  
of a street across.  
Squares of immediate silence.  
Streets with an inexplicable taste of absinth.  
The weight of the bells growing in the indiscernible  
shadow of the afternoon.  
Houses like strongboxes from an ancient aristocracy.  
The bronze farewell suspended at the station.  
The river welding both sides of the town.

A sombra pesada das igrejas.  
O andar inclinado.  
Os pés a plagiar o movimento das ruas.  
A esplanada a mastigar a tarde líquida do rio.  
As horas queimadas pela febre da estação.  
A cidade ali. Só ali.  
A ilha  
na distância de agosto.

The heavy shadow of churches.  
The bent walking.  
Feet plagiarising the movement of the streets.  
The promenade chewing the liquid afternoon of the river.  
The hours burnt by the fever of the station.  
The town there. Just there.  
The island  
at the distance of August.

## Quatro águas

A cidade arranca do coração as manhãs  
de inverno com a mesma serenidade  
com que os gatos dormem,  
na estrada parada, um bocado de calor.  
O sol é uma generosidade extravagante  
e as ruas a felicidade de nada se proibir.  
O mar adivinha-se na transparência das aves,  
os olhos recolhem cal como se colhem frutos.  
O mercado, o coreto,  
a parcela do rio que habita as casas,  
a ponte arqueada sobre o sentido único  
da corrente.  
Tudo está a uma mão de felicidade e  
nada se oculta.  
Antes dos estreitos vazios do tempo frio,  
antes da noite escorraçar os ainda vivos,  
antes do bolor e da humidade,  
antes da morte crescer dentro do dia,  
a cidade tem esse esplendor de tudo parecer antigo.  
Antigo  
como uma manhã a declinar  
por dentro.

## Quatro águas

The town tears from the heart the mornings  
of Winter with the same serenity  
as cats sleep,  
by the still road, some heat.

The sun is of immoderate generosity  
and the streets the happiness of not forbidding.  
The sea is guessed in the birds' transparency,  
eyes assemble limestone as if gathering fruits.  
The market, the bandstand,  
a parcel of the river that dwells the houses,  
the arched bridge one way  
over the tide.

Everything is at a hand of happiness afar and  
nothing is hidden.

Before the empty straits of cold weather,  
before night chases away those still living,  
before the mould and the moisture,  
before death grows within the day,  
the town has that splendour of everything resembling old.

Old  
as a morning declining  
on the inside.

## Praia do Barril

O tempo suspenso.

O comboio a abrir o Mediterrâneo tardio.

O herbário discreto.

A paisagem até longe.

Setas de ferro ancoradas nas dunas.

Ilhas de sombra espalhadas pela areia.

O vício de viver a rasgar dentes brancos  
para a gaveta da memória.

## Praia do Barril

Time suspended.

The train unlocking the late Mediterranean.

The discreet herbarium.

The landscape farther.

Iron arrows anchored on the dunes.

Islands of shade scattered by the sand.

The vice of living smiling white teeth  
into the drawer of memory.

As amendoeiras brancas, onde são. A antiga neve  
Casas em baixo, como nos sítios arqueológicos.  
Marcas de cal nas paredes escuras.  
Anéis de pedra solta a cercar as hortas. A ronda  
dura dos valados.

Nos caminhos da serra a natureza fácil.  
Os rebanhos atravessam os dias como se viajassem pelo deserto.  
Vêm dos montes. Levam para os montes a solidão do pastor.  
Estevas, em flor, exalam zumbidos de abelha.  
Nos sobreiros a matemática da cortiça.  
O ano e as inícias de posse.  
Uma espingarda dobrada, por vezes. A caça  
a pender da cintura.

Lá em cima, no mais alto, o vento. Escuta  
A respiração verde dos montes soa a uma velha canção do mar.

Ao longe o silêncio claro das aldeias. E dentro dele  
a paciência do cobre nas antigas destilarias.  
A água a arder na garganta. A serra destilada.  
A inclinação

The white almond trees, where they happen. The old snow  
Houses below, as archaeological sites.  
Traces of limestone in the dark walls.  
Rings of loose stone bordering orchards. The hard patrol  
of the hedges.

On the paths of the hills the effortless nature.  
The flocks cross the days as if travelling through the desert.  
They come from the inland. They take to the hills the solitude of the shepherd.  
Rockroses, blooming, exhale bee humming.  
On the trees the mathematics of the cork.  
The year and the initials of possession.  
A folded riffle, sometimes. The hunt  
hanging from the waist.

Above, at the highest, the wind. Listen  
The green breathing of the hills sounds like an old sea tale.

Afar the light silence of the villages. And within  
the patience of the copper in old distilleries.  
Water burning in the throat. The distilled hills.  
Leaning

## Vascão

O rio defunto.

As águas vencidas pelo verão.

O leito presença e sepultura.

O calor a oprimir os gestos.

Só os ouvidos a existirem no clarão de agosto

para o pássaro que abre as asas

entre duas árvores.

A terra quente.

As estevas varridas por uma brisa de fogo.

Os homens abrigados na sombra.

E a vida que havia no interior das águas,

e a vida,

onde?

## Vascão

The dead river.  
The waters subdued by Summer.  
The riverbed presence and grave.  
The heat oppressing the gestures.  
Only ears exist in the glare of August  
for the bird that spreads its wings  
between two trees.  
The hot ground.  
The rockroses swept by a breeze of fire.  
Men sheltered beneath the shades.  
And the life that used to be within the waters,  
and the life,  
where?

## Luz de Tavira

As casas contínuas escrevem a estrada.  
Ombros de pedra encostados.  
No princípio ou no fim,  
o sentido é que o determina, o largo  
agarrado à matriz.  
Na fachada a geometria do mundo.  
A igreja tão humana como a estrada.  
Círculos tão perfeitos como a viagem.

## Luz de Tavira

A line of houses writes the road.  
Stone shoulders leaning.  
In the beginning or at the end,  
direction is what determines, the square  
holding to the main church.  
On the façade the geometry of the world.  
The church as human as the road.  
The circles as perfect as the journey.



# Olhão



## Fuzeta

A confluência de tudo no largo pouco evidente.  
Bicicletas tranquilas. O mercado tão pouco.  
A liberdade a transpirar na toponímia das ruas.  
Barcos fêmeas de coração,  
Vanessa Cristina, Mãezinha, Nélia, Lobita, Jossana.  
Um veleiro a morrer na doca e a exigir  
que ninguém sofra o seu enterro.  
Oxalá é o seu nome.  
A estação de socorros a imitar um animal anfíbio  
com as patas submersas na medida das marés.  
Estático com os seus redondos de vidro  
numa caminhada de cimento  
pela ria tentacular.

## Fuzeta

The confluence of all in the less evident square.  
Peaceful bicycles. The market so little.  
Freedom perspiring from the toponymy of the streets.  
Female boats in the heart,  
Vanessa Cristina, Mãezinha, Nélia, Lobita, Jossana.  
A vessel dying on the harbour demanding  
that no one should suffer its funeral.  
Oxalá (I hope) is its name.  
The aid station mimicking an amphibian  
with its paws submerged at the measure of tides.  
Unmoving with its round glass globes  
on a walk of concrete  
by the tentacular wetland.

## Tentáculos

O frio regressa com o outono já demorado sobre  
o calendário definitivo destes dias.  
Na paisagem líquida das salinas floresce a obscura sensação do medo.  
Barcos inversos morrem como sarcófagos no movimento das marés.  
Os peixes explodem as guelras contra a luz inclinada da tarde.  
Ao longe, no prumo da existência, sombras rasas, cães talvez  
vadiam o olfato pelos labirintos da fome.  
Os barcos de madeira que se afundam nos sapais poderiam ser  
o peito descarnado dos pescadores. Vértebras, esterno, costelas.  
E há homens também. Homens curvos a remover lama  
a desviar ervas, a farejar o estômago debaixo dos arbustos.  
Caminham na tarde das salinas a fome ao corpo habituado.  
O álcool é a única razão para pousarem os braços.  
Nas tabernas interrompem as pernas por horas mais longas  
do que os próprios dias.  
Quando o vento sopra no sentido do sangue temem o declínio do sol  
e que as trevas possam afundar-se no coração do mundo.  
Na cegueira geométrica da ria o lodo sobe pelas tábuas arcadas  
das embarcações os ossos da sua própria inutilidade.  
Talvez sejam os barcos abandonados a descer no chão  
a sua própria sepultura.  
É tudo tão difuso.  
Barcos, homens. Cadáveres, madeira, ossos, cordas.  
Ruínas que parecem esqueletos deixados na praia.  
E a cidade aqui tão perto a ameaçar o que ainda resta.  
O cimento a conquistar chão como ervas daninhas.  
O passeio ribeirinho, a marina. A ambição dos prédios e dos hotéis.  
Não demora e já nada disto existe.  
As pernas pesam como o caminho dos cemitérios.  
Se ainda não é isto a noite não tardará.

## Tentacles

The cold returns with the Autumn already prolonged over  
the definite calendar of these days.

In the liquid landscape of salt pans the hidden sensation of fear flourishes.

Inverted boats die as sarcophaguses in the movement of tides.

Fish explode their gills against the leaning light of the afternoon.

Afar, at the plumb line of existence, depthless shadows, dogs perhaps  
wonder their scent through mazes of hunger.

The wooden boats sinking into marshes could be  
the fleshless chest of fishermen. Vertebrae, sternum, ribs.

And there are men too. Bent men, removing mud  
diverting weeds, sniffing their stomach beneath the bushes.

In the afternoon of the salt pans they walk the hunger of their inured bodies.

Alcohol is the only reason for putting their arms down.

At the taverns they stop their legs for hours longer  
than days themselves.

When the wind blows towards the blood they fear the sun decline  
and that darkness may sink into the heart of the world.

In the geometric blindness of the wetland the mud climbs the arched boards  
of the vessels, the bones of their own uselessness.

Perhaps they are the abandoned boats descending into the ground  
their own grave.

Everything is so diffuse.

Boats, men. Dead bodies, wood, bones, ropes.

Remains that look like skeletons left on the beach.

And the town so close threatening what still remains.

Concrete conquers the ground like weeds.

The riverside walk, the harbour. The ambition of buildings and hotels.

It will not be long now and none of it exists.

Legs weigh as the path to cemeteries.

If this is not yet the night it will soon be.

## Salinas

A língua salgada.

Os montes brancos.

A água geométrica.

O suor e o cio dos canaviais.

O esqueleto das marés a afundar embarcações.

Os mariscadores como vírgulas no lodo.

A cidade lá atrás.

Insaciável boca de cimento.

## Salt Pans

The salted tongue.

The white hills.

The geometric water.

The sweat and the mating in the cane plantations.

The skeleton of tides sinking vessels.

Shell fishermen as commas in the mud.

The town behind.

Insatiable mouth of concrete.

## Veleiro

O chão líquido.

O horizonte inteiro.

As velas como úteros de vento.

O sol vermelho na pele.

Os braços arrastados pela maré como  
dois remos mortos.

Lábios, língua, saliva.

O mastro vértice do corpo.

O movimento das ondas repetido na boca.

A erupção oculta de um vulcão de cal.

A boca a abrir como uma ostra.

Na língua um branco de pérola.

## Sailboat

The liquid ground.

The whole horizon.

The sails as wombs of wind.

The red sun on the skin.

The arms dragged by the tide as  
two dead oars.

Lips, tongue, saliva.

The vertex mast of the body.

The movement of waves replayed in the mouth.

The hidden eruption of a limestone volcano.

The mouth opening like an oyster.

On the tongue a white of pearl.



# Faro



## Vila adentro

Amplitude e cerco.

A sombra tutelar da Sé a medrar laranjas  
no silêncio de deus.

O coração a estremecer o bronze dos sinos.

Aviões a declinar nos telhados.

Jardins discretos.

Ruas traçadas com a esquadria da lentidão.

A Diocese com muitos olhos para o vazio.

O mistério do tempo soterrado debaixo  
dos nossos pés.

A ria do outro lado.

A cidade fora dali.

## Vila adentro

Breadth and siege.

The tutelary shadow of the cathedral thriving oranges  
in the silence of god.

The heart shivering the bronze of the bells.

Airplanes sloping on the roofs.

Discreet gardens.

Streets outlined with the framing of idleness.

The Diocese with many eyes to the void.

The mystery of time buried under  
our feet.

The wetland on the other side.

The town out.

## Museu

Nos claustros as árvores cresciam silêncio.  
Já não existe essa altura verde onde se colhiam  
os frutos calados.  
As freiras deixaram o convento.  
A cisterna, ao centro, tapou-se ainda em vida  
dos maís velhos.  
Eram crianças e lembram-se dela.  
Da água funda à boca do poço e da maquinaria  
abandonada da fábrica da cortiça do judeu Amram.  
A biblioteca depois.  
Debaixo das arcadas,  
agora percorridas por instantes visitados,  
recebo o sol que as nuvens destapam entre a chuva.  
A cada parcela de calor o corpo gato.  
A vontade felina de espreguiçar-me.  
A boca rota das gárgulas.  
No dolium o império armazenado.  
Em cada porta os vários tempos do museu.  
A escrita indecifrável do sudoeste.  
Milénios de Roma, séculos de Islão.  
Os leões a cavarem sangue no peito  
de um santo.  
Lá fora, na cidade, o inverno.  
As ruas líquidas.  
Quando sair serei mais da terra.  
As raízes fundas na memória do lugar.

## Museum

In the cloisters the trees grew silence.  
The green height where the inaudible fruits were gathered  
is no more.  
The nuns have left the convent.  
The cistern, in the centre, was covered  
while the old were still living.  
They were children and they remember.  
The deep water on the top of the well and the abandoned  
machinery from the cork factory of the jew Amran.  
The library after.  
Beneath the arcades,  
now travelled by visited instants,  
I take on the sun the clouds uncover between the rain.  
At each parcel of heat the cat body.  
The feline will of stretching myself.  
The dripping mouths of the gargoyles.  
In the dolium the stored empire.  
In each door the several times of the museum.  
The indecipherable Writing of the Southwest.  
Millenia of Rome, centuries of Islam.  
The lions digging blood on the chest  
of a saint.  
Outside, in the town, the Winter.  
The liquid streets.  
When I leave I will be more of the earth.  
The deep roots in the memory of place.

## Farol

Casas submersas na areia.  
Dunas laminadas pelo vento e pelos pés.  
O peixe invertido na mão.  
A faca a correr-lhe a barriga  
como um barco a separar as águas.  
A lâmina, a incisão.  
O sangue.  
A salema como uma vulva  
a azedar na boca dos homens  
a menstruação das mulheres.

## Farol

Houses sunken in the sand.  
Dunes glazed by wind and feet.  
The inverted fish on the hand.  
The knife digging along its belly  
as a boat dividing the waters apart.  
The blade, the cut.  
The blood.  
The salema as a vulva  
souring in the mouth of men  
the women's menstruation.

## Culatra

O pontão primeiro. A igreja, entretanto.  
O café depois. Por fim as casas.  
Bicicletas lentas. O vento sem árvores.  
Areia pesada como a idade nas pernas.  
A arquitetura intuída das casas a fechar  
o tempo baldio das ruas.  
O vento a entrar-te na cabeça, dizias.  
As cadelas a treparem a ausência das marés.  
O desejo de um barco tardio.  
O mar sempre nos ouvidos.  
Talvez navegássemos dentro do inverno.

## Culatra

First the pier. Meanwhile, the church.  
The café afterwards. At last, the houses.  
Unrushed bicycles. The wind without trees.  
Sand as heavy as age on the legs.  
The discerned architecture of the houses closing  
the time of wasteland on the streets.  
The wind inscribing into your head, you said.  
Female dogs climbing the absence of tides.  
The desire for a belated boat.  
The sea always in the ears.  
Perhaps we were sailing within the Winter.

## Estoi

Na boca um dedo de silêncio.  
Ruas brancas de sombra emaranhada.  
A água da bica a correr para a placidez  
fresca dos degraus da matriz.  
A melancolia solar dos largos.  
A memória do poeta guardada muito ao fundo.  
O palácio retirado.

Em Milreu  
o passado tão antigo como o profundo  
sentido da velhice.

## Estoi

On the mouth a hushing finger.  
White streets of tangled shade.  
Water from the sprout running towards the fresh  
serenity of the stairs of the main church.  
The solar melancholy of the squares.  
The memory of the poet stored far down.  
The retired palace.

At Milreu  
the past as remote as a deep  
sense of old age.

A igreja cai sobre a noite  
ou talvez seja  
o escuro a descer as escadas.

No largo o silêncio de bronze do poeta.  
Os candeeiros são sóis baixinhos a envivecer.  
As árvores, bocas de pássaro.

A água começa a ouvir-se nas bicas antigas.  
O sol agarra-se às paredes devagar,  
e por isso cai.

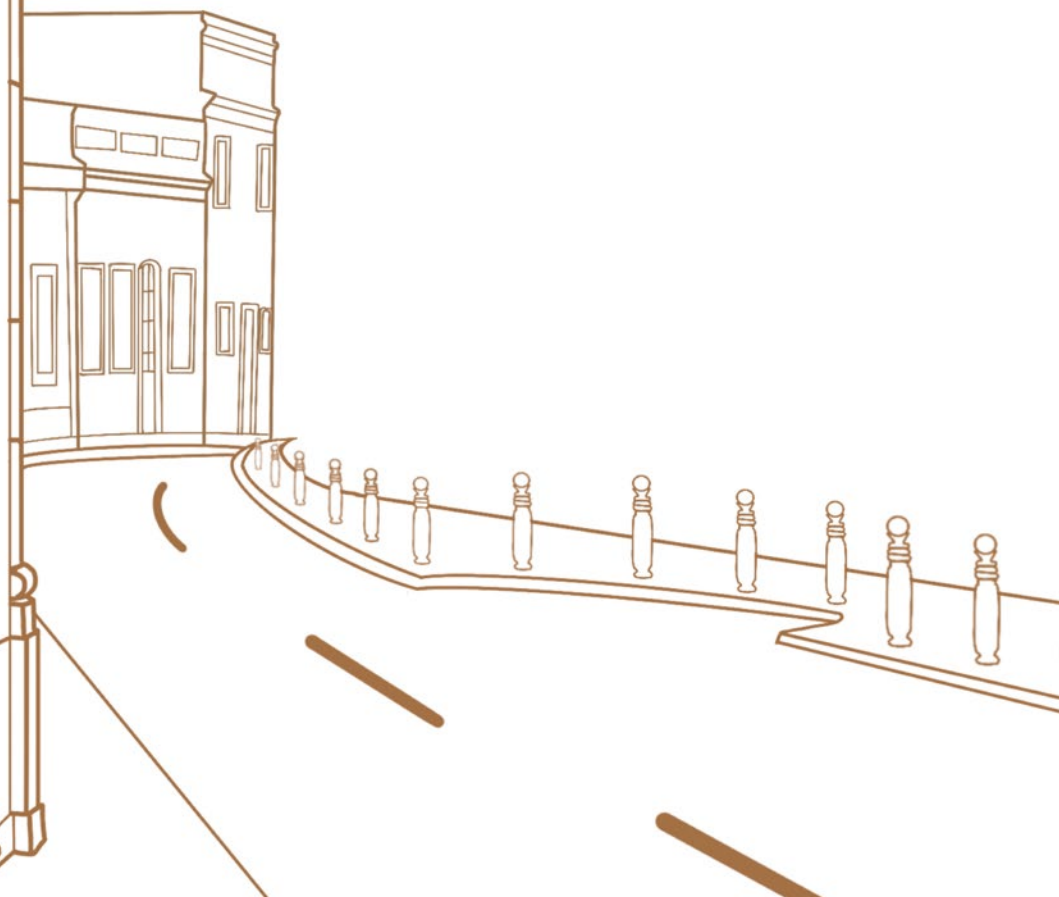
The church falls on the night  
or perhaps it is  
darkness stepping down the stairs.

At the square the bronze silence of the poet.  
The lampposts are small suns aliving.  
The trees, mouths of birds.

One starts to listen to the water in the old sprouts.  
The sun clings to the walls slowly,  
and therefore it falls.



São Brás de  
Alportel



Nas ruas iniciais as coisas como antes.  
A memória e o tédio dos relógios lentos.  
O peso de uma laranja a soar como um sino  
sobre o silêncio de tudo.  
As casas de joelhos. Algumas a entrarem o céu  
pelos telhados rasgados.  
Os quintais a espreitar sobre os muros. As figueiras  
A funerária Romeu Galego quase morta.  
Os gatos fáceis. E a gente, onde?

On the initial streets everything as before.  
The memory and boredom of the slow clocks.  
The weight of an orange resonating as a bell  
above the silence of everything.  
The houses on their knees. Some entering the sky  
through torn roofs.  
The yards looking over the walls. The fig trees  
Romeu Galego mortuary almost dead.  
The effortless cats. And people, where?

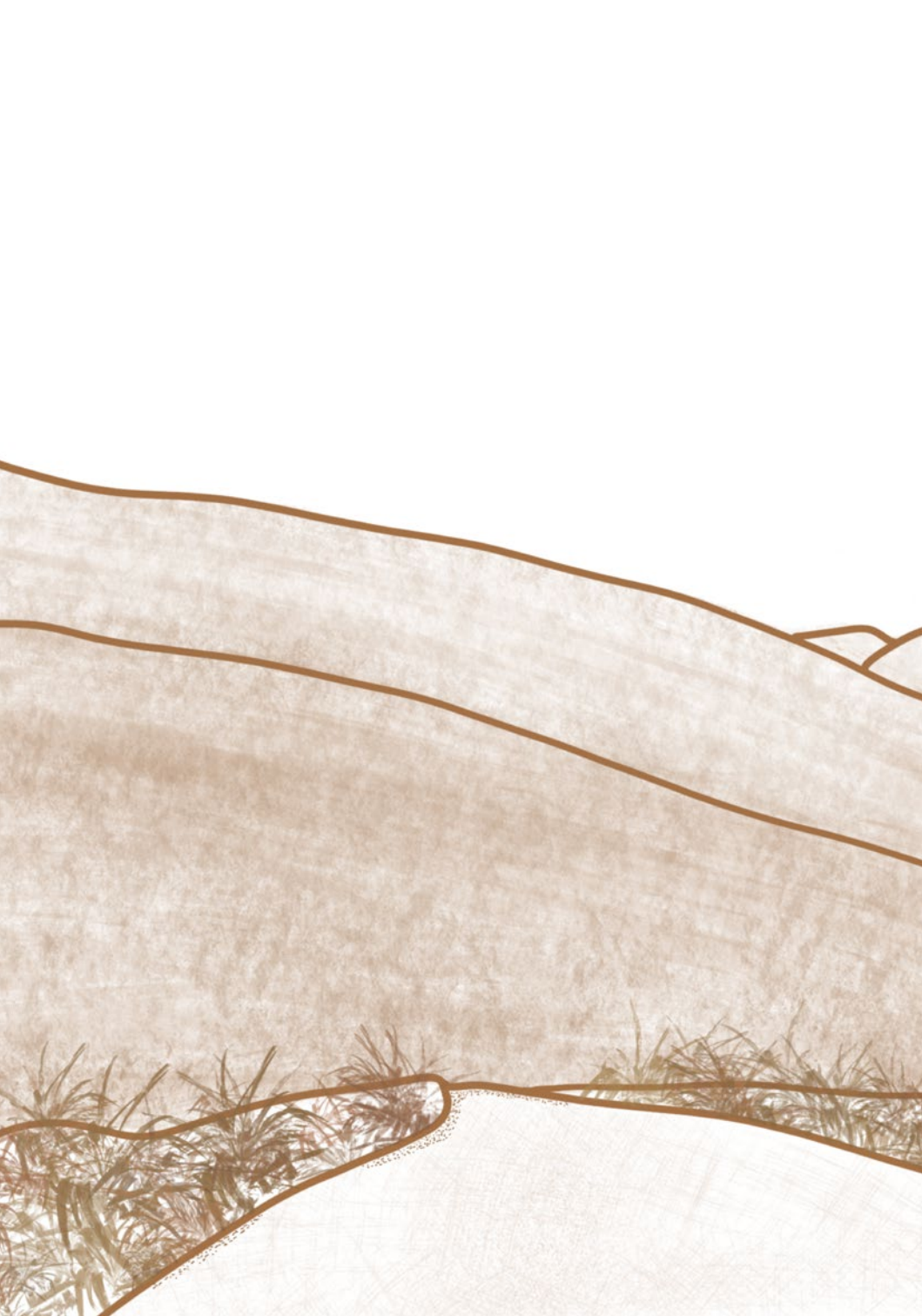


EN2

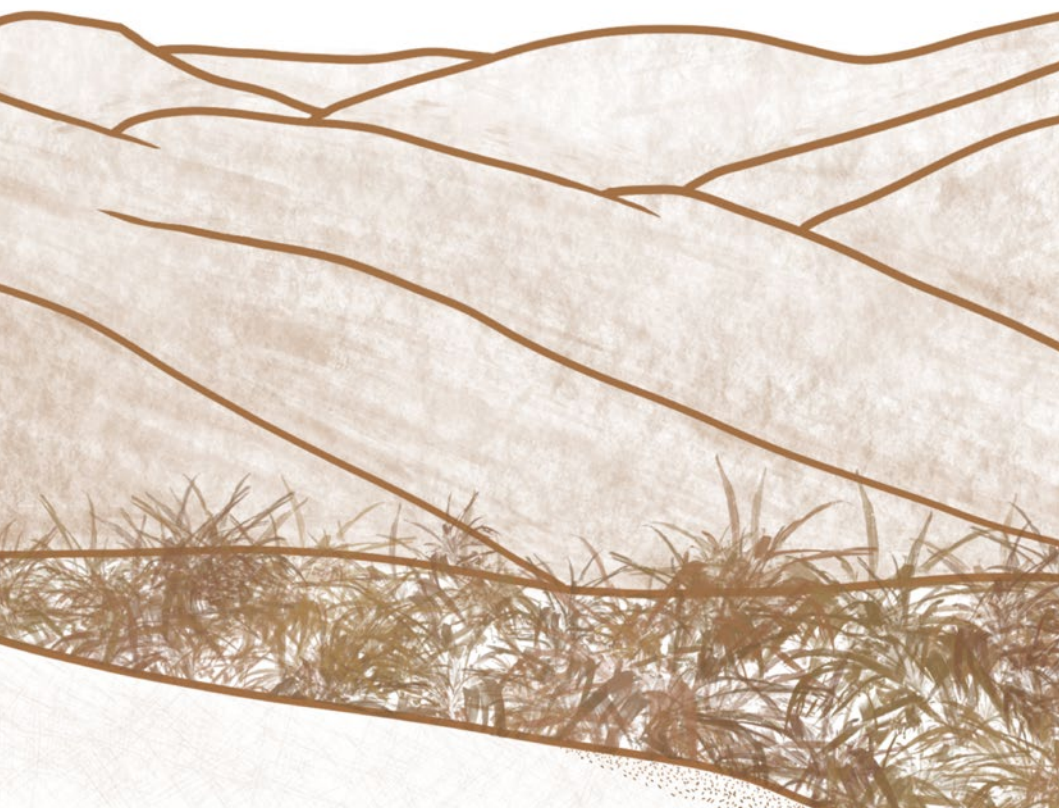


A fobia das retas.  
O asfalto a navegar as serras.  
A persistência tardia das aldeias.  
Casas agachadas de branco rentes ao que somos.  
A estrada atravessada, de uma casa para a outra,  
por lutos muito lentos.  
Pequenos úteros de cal a rematar  
a linha dos montes.  
O tronco tatuado dos sobreiros.  
Morgados a percorrer a estrada.  
A natureza ofensiva das pitas e dos catos.  
O cheiro das estevas a colar-se à resina do nariz.  
Cigarras a zumbir o fogo dos dias.  
Cães sonolentos a ladrar a novidade  
de um automóvel.  
Desvios sentados para merendar.  
A lotaria de uma fonte.

The fear of straight lines.  
The asphalt navigating the hills.  
The late persistence of the villages.  
Squatted houses of white short of what we are.  
The road laid across, from one house to the other,  
by lingering mourning.  
Small limestone wombs concluding  
the string of the hills.  
The cork trees trunks tattooed.  
Estates travelling the roads.  
The offensive nature of agaves and cactuses.  
The scent of rockroses clinging to the rein of noses.  
Cicadas humming the blaze of days.  
Sleepy dogs barking the novelty  
of a car.  
Detours sitting for a meal.  
The lottery of a fountain.



Serra



## Interior

Pálida como as folhas de papel  
ou a ideia que temos delas,  
uma aldeia na serra  
vai-se sepultando  
com a mesma comodidade  
com que os homens se resignam ao declínio das casas.  
O guincho vermelho de um animal  
é o aço de uma faca a procurar sangue.

O corpo trespassado  
a única vontade de existir  
a perturbar a transparência do ar.

## Inland

Pale as sheets of paper  
or the idea we have of them,  
a village inland  
buries itself  
with the same ease  
as men forego the decline of the houses.  
The red cry of an animal  
is the steel of a knife looking for blood.

The pierced body  
the single will to exist  
disturbing the transparency of the air.

## Carro de besta

Sem a vida do animal  
um carro de besta estagna debaixo  
da agonia de um sobreiro.  
Resigna-se à inutilidade das rodas,  
acomoda-se à velhice do dono.  
Anoitece como essa velha maneira de existir  
entre as coisas.

## Animal cart

Without the life of the animal  
an animal cart perishes below  
the agony of a cork tree.

It surrenders to the uselessness of wheels,  
settles down to the owner's declining years.

Night falls as that old way of existing  
among matters.

## Matação

Os homens chegavam antes do amanhecer.  
Era depois do verão.  
As manhãs acordavam húmidas e cinzentas.  
Alguns traziam facas enroladas em folha de jornal  
e enquanto esperavam que todos se reunissem  
defendiam-se do frio com aguardente.  
Na lareira ardiam árvores mortas.  
Os mais novos iam lá queimar o frio  
que traziam na palma das mãos.  
As mulheres estendiam bolos na cozinha e aqueciam café  
mas quase todos preferiam ficar ao relento  
a olhar a distância branca de geada e a falar  
das sementeiras.  
Os da casa preparavam os utensílios.  
Faltava o vizinho João.  
Assim que ele se anunciava investiam em matilha  
para a pocilga.  
As mãos a trincar as pernas e as orelhas do porco.  
Depois um guincho mais agudo  
do que o gume da faca anunciava um horror vermelho.  
O sangue corria pela lâmina até ao último fôlego.  
Sobre nós as aves voavam para o sul as asas frias.  
Nesses dias de prosperidade a nossa felicidade  
alimentava-se da morte.  
A vida não tinha outro sofrimento e a violência era  
límpida e pura como as crianças que estendiam  
os braços na direção do fogo para queimar o inverno.

## The Butchering

Men arrived before dawn.

It was after the Summer.

The mornings woke wet and grey.

Some brought knives rolled in newspaper sheets

and as they waited for all to gather  
they sheltered from the cold with firewater.

In the fireplace dead trees were burning.

The young were torching the cold  
they brought on their palms.

The women were kneading cakes in the kitchen and warming coffee  
but almost everyone chose to stay outside  
looking into the white distance of the frost and talking about  
the sowing.

Those in the house prepared the tools.

The neighbour João had not arrived yet.

As soon as he came they all charged as a pack  
to the pigsty.

The hands seizing the legs and the ears of the pig.

Moments later a shriek louder  
than the tip of the knife announcing a red horror.

The blood flowing down the blade until the last breath.

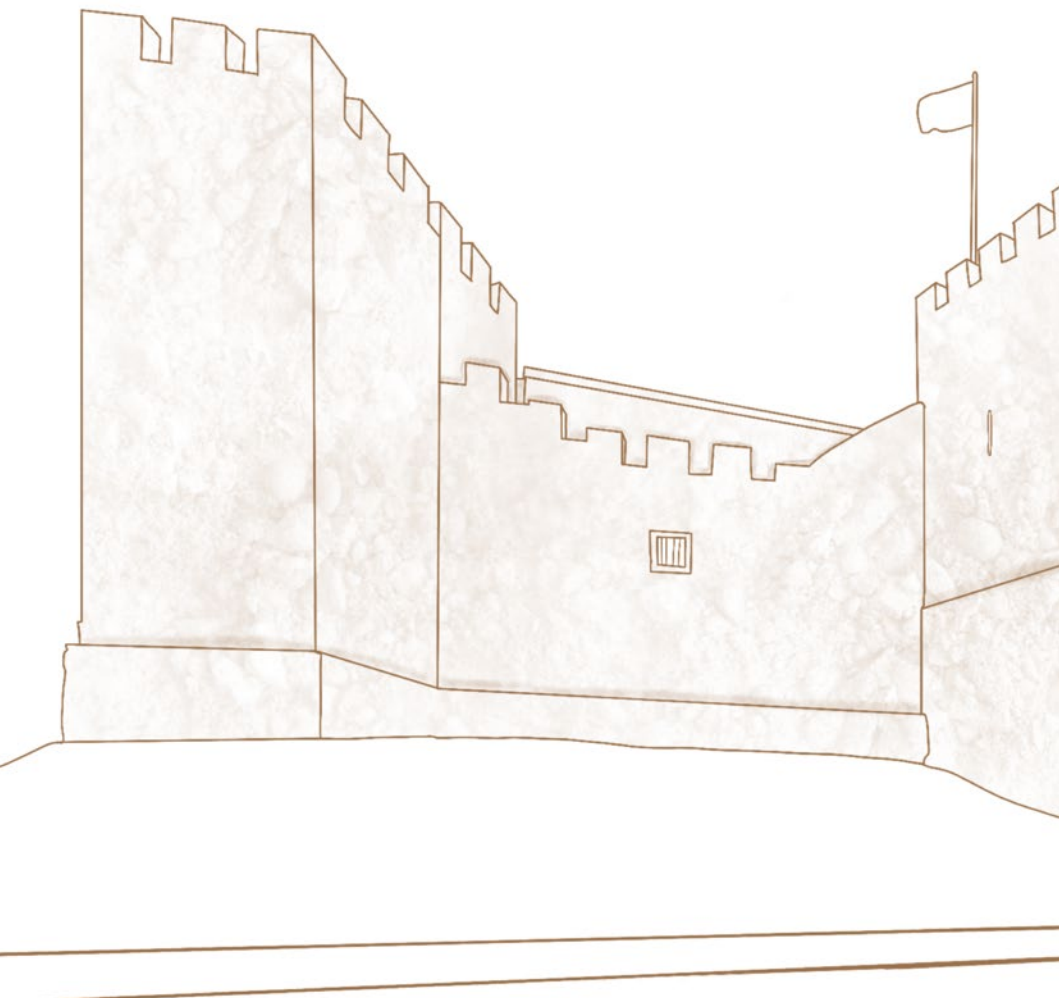
Above us the birds flew their cold wings towards the South.

On those days of prosperity our happiness  
fed on death.

Life had no other suffering and violence was  
clear and pure as the children who stretched  
their arms towards the fire to burn the Winter.

Grande cansaço. O calor  
Os cães mudos colados à sombra das casas.  
Um estranho ópio a fechar-nos a boca.  
As palavras secas. A respiração esforçada.  
Uma travessia urgente. As ruas  
A ideia da água a crescer dentro de nós.  
Portas e janelas fechadas. Os pátios sem crianças.  
A transpiração sempre.  
As árvores a abrirem poços negros na terra seca.  
Entre as cidades o zumbido das cigarras.  
Cobras esmagadas no asfalto.  
O barulho rápido dos répteis a rasgar o pasto.  
O ar, pesado e quente, a atravessar os eucaliptos.  
O pensamento líquido a transbordar.  
Ainda não é o deserto. Este lugar

Heavy tiredness. The heat  
The silent dogs sticking to the shade of the houses.  
A strange opium closing our mouth.  
The dry words. The strenuous breathing.  
An urgent crossing. The streets  
The idea of water growing within us.  
Doors and windows shut. Yards without children.  
The perpetual perspiration.  
Trees opening dark wells into the dry ground.  
Between the towns the humming of the cicadas.  
Snakes crushed on the pavement.  
The swift sound of reptiles tearing the grass.  
The air, heavy and hot, crossing through the eucalyptuses.  
The liquid thoughts overflowing.  
It is not yet the desert. This place



# Loulé



As casas rasas.  
As chaminés fundas de encontro aos prédios.  
O acordar lento de animal pesado.  
O sol a chamar para o calor da rua  
os seus inquilinos mais antigos.  
A luz a trepar o muro felino dos quintais.  
Um catavento sem o braço de uma criança.  
A horta suficiente para uma laranjeira  
e um ramo de salsa.  
Os gatos lentos. A toponímia sem rosto.  
Ao redor a cidade urgente.

The low houses.  
The deep chimneys against the buildings.  
The slow awakening as a heavy animal.  
The sun calling to the heat of the street  
their oldest tenants.  
Light climbing the feline wall of the yards.  
A pinwheel without the hand of a child.  
A vegetable garden enough for an orange tree  
and a bunch of parsley.  
The slow cats. The faceless toponomy.  
All around the urgent town.

Os melros descem com a noite as asas negras.  
Cortam o céu numa fúria sonora e desaparecem nos telhados  
nas árvores da praça, nas muralhas do castelo.  
Com esta luz, quase nada, ainda se veem as cruas sobre as casas.  
Certas varandas são jardins forjados. As grades de ferrugem vegetal.  
Há candeeiros que alumiam, outros são um estado de alma.  
Por vezes tantas palavras em tão pouco. A cidade  
Outras uma boca fechada.

The black birds descend with the night the dark wings.  
They cut the sky in an audible fury and disappear on the roofs  
on the trees from the square, on the walls of the castle.  
In this light, almost none, one can still see the cranes above the houses.  
Certain balconies are wrought iron gardens. The bars of vegetable rust.  
There are lampposts that illuminate, others are a state of mind.  
Sometimes so many words so little. The town  
Sometimes a mouth shut.

## As tardes sem rosto

São uma paz que não sei dizer as ruas mornas.  
Nas bicas há fios líquidos de sol. Recolho-os  
nas mãos juntas como um vaso. Apetecem  
como uma manta puxada sobre o inverno. Os gatos  
Por todo o lado a memória de haver gente.  
As portas sem rosto. No 38 a lâmpada partida.  
A tranca de ferro antiquíssima a fechar um azul afirmativo.  
Em alguns telhados a erva alta, a crescer na ondulação dos beirais.  
A terra morta pelo alcatrão.  
Se as ruas continuassem a boca fechada  
seria perfeito.  
Por aqui tudo tem uma certeza e uma razão exata.  
A cal é uma pele sobre a tampa metálica da canalização.  
Os cabos elétricos parecem-me veias fora da carne a ligar as casas.  
Por vezes cruzam as paredes num salto voado de um lado para o outro da rua.  
Se não fossem as palavras tudo seria perfeito.  
Mas as palavras perfuram. Rasgam.  
São lava a arder na boca dos vulcões.  
Cospem gases e cinzas. As palavras

## The faceless afternoons

They are a peace I cannot name the lukewarm streets.  
On the sprouts there are liquid strings of sun. I gather them  
in my hands together as a vase. We desire them  
as a blanket pulled over the Winter. The cats  
Everywhere the memory of people that have been.  
The faceless doors. At 38 a broken light bulb.  
The ancient iron lock closing a definite blue.  
The high grass on some roofs, growing on the waves of eaves.  
The earth killed by the tar.  
If roads continued silently  
it would be perfect.  
Around here everything has a certainty and an exact reason.  
The limestone is a skin over the metal lid of the plumbing.  
The electrical wires appear (to me) as veins out of the flesh connecting houses.  
Sometimes they cross the walls on a flown jump from one side to the other.  
If not for the words everything would be perfect.  
But words pierce. They tear.  
They are lava burning in the mouth of volcanos.  
They spit gas and ashes. The words

## Cerca do convento

A grade a impedir o perigo do poço.  
A água longe da profundidade das mãos.  
O mármore estranho.  
Os ciprestes a guiarem o olhar para o alto.  
O voo cerâmico das andorinhas.  
A transpiração férrea do túnel.  
As horas municipais nos ouvidos.  
O silêncio ancorado na boca dos dedos.  
Branco como o avesso das fotografias. O vazio

## Cerca do convento

The grid preventing the danger of the well.

The water far from the depthness of hands.

The strange marble.

The cypresses guiding the gaze high.

The ceramic flight of the swallows.

The iron perspiration of the tunnel.

The municipal hours on the ears.

The silence anchored on the mouth of fingers.

White as the reverse of photographs. The void

## Salir

No castelo regressa a imagem da árvore  
a habitar a muralha.

A alfarrobeira que havia no torreão era um  
prodígio da natureza.

Íamos para lá nos intervalos da escola.

Nada mais nos fazia mistério. Apenas  
a árvore a nascer da pedra.

Tinha qualquer coisa de estátua no  
pedestal cúbico de taipa.

Continua a crescer.

As raízes bem fundas na memória.

## Salir

On the castle returns the image of the tree  
dwelling the wall.

The carob tree once in the turret was a  
prodigy of nature.

We walked there on school breaks.

Nothing else was mysterious. Only  
the tree growing from the stone.

It was something statuesque, on  
the cubic pedestal made of rammed earth.

It still grows.

The roots deep into memory.

## Querença

Quantos pés são entre nós e o cemitério?

A pergunta acontece quando a reta se estende à nossa frente.

Metemo-nos ao caminho para concluir que a distância se resolve com um corpo inteiro de cansaço.

É um homem sem fôlego o longe que separa as casas do lugar onde se afundam os mortos.

Em Querença enviam-se os funerais para longe da aldeia.

Talvez entendam que assim a morte, já dentro do corpo, só seja definitiva demorado o tempo do cortejo.

Já no cemitério a olhar a aldeia ao longe

um homem pode estar tão parado na natureza

que consegue ver as flores a entardecer, a viagem das sementes

entre a terra e o céu, o crescimento minucioso da erva,

o sibilar das árvores na gestação dos frutos.

Podemos estar tão parados em Querença,

que o formigar das pessoas que se abre no largo,

a procissão que roda a igreja com o santo levantado sobre todos os homens ou

a voz amplificada do leilão dos enchidos e do vinho,

se tornem coisas longínquas.

No dia da festa de São Luís é a natureza sem boca

quem mais grita contra o branco da cal.

Os mortos aqueles que mais viajam dentro de nós.

## Querença

How many feet between us and the cemetery?  
The question happens when the road extends in front of us.  
We get on our way to conclude that distance is solved  
with a whole body of weariness.  
It is a breathless man the distance that separates the houses from the place  
where dead bodies are sunk.  
At Querença funerals are sent away from the village.  
Perhaps it is their understanding that as such, death, already inside the body,  
is only final after the funeral procession ends.

At the cemetery looking at the village so far  
a man can be so still in the nature  
that he can see flowers dusk, the journey of the seeds  
between the earth and the sky, the thorough growth of the grass,  
the whispering of the trees gestating fruits.

One can be so still at Querença  
that the tingling of the people opening up the square,  
the procession surrounding the church with the saint carried by all men or  
the amplified voice of the auction of sausages and wine,  
become things far away.

On Saint Luís day it is the silent nature  
that cries the most against the white of limestone.  
The dead those who travel the most within us.

## Aldeia na Serra

Cadeiras sentadas para a beleza das casas.

A vida organizada em torno da matriz.

A fé com duas voltas na fechadura.

O relento dos crentes.

A altura verde e estreita dos ciprestes.

A aldeia algemada à frescura das casas.

Ruas sem sombra.

Turistas a atravessar o fogo do verão.

O largo uma garganta árida que o líquido  
das esplanadas não acaba.

## A village inland

Chairs sitting towards the beauty of the houses.  
Life organized around the church.  
Faith with two rounds on the lock.  
The believers outside.  
The green and narrow height of the cypress trees.  
The village cuffed to the coolness of the houses.  
Streets without shade.  
Tourists crossing the fire of Summer.  
The square an arid throat that the liquid  
of the promenades does not end.

## Terra adentro

Homens a coincidirem com a idade das coisas.  
A melodia rendilhada dos pássaros na ondulação dos beirais.  
Ervas a nascerem cautelosas nas intermitências das pedras.  
Um nome para cada rosto e o seu destino exato.  
Portões a fechar os quintais da infância.  
O espaço duro e vazio do largo.  
Oito relógios, no café, parados em horas diferentes.  
Gente com dias inteiros para perceber que estão certos  
duas vezes ao dia quando o tempo passa por eles.

## In-land

Men coinciding with the age of matters.  
The laced melody of the birds on the waves of eaves.  
Weeds growing carefully in between the stones.  
A name for each face and its exact destination.  
Gates closing the yards of childhood.  
The hard and empty space of the square.  
Eight clocks, at the café, unmoving at different times.  
People with the whole day to realise they are right  
twice a day as time passes them by.

## Em Querença, a noite

Em Querença  
a noite transforma-se num gato preto.  
Quando o sol se levanta o escuro é o barro  
com que se molda o seu corpo felino.  
A noite atravessa os dias a miar seis vidas.  
(A sétima faleceu com a arquitetura do largo)  
Na esplanada pula de mesa em mesa  
o ócio feito de língua no pelo enquanto a  
letargia se espalha a todas as coisas.  
A igreja não se mexe desde o último terramoto.  
Uma oliveira permanece na encosta há 1350 anos.  
No café a D. Rosa recolhe a noite nas chávenas  
como se fosse à fonte encher uma bilha de  
água.  
Bebemos o gato preto em pequenos goles.  
Em Querença, o gato e o café são  
sombra líquida sobre as mesas.

## In Querença, the night

In Querença  
the night turns into a black cat.  
When the sun rises darkness is the clay  
which moulds its feline body.  
The night crosses the days meowing eight lives.  
(The ninth perished with the planning of the square)  
On the promenade it jumps from table to table  
leisure made of tongue on the fur while  
lethargy spreads to all matters.  
The church has not moved since the last earthquake.  
An olive tree has remained on the slope for 1350 years.  
At the café Dona Rosa collects the night on the cups  
as if going to the fountain to fill a jar of  
water.  
We drink the black cat in small sips.  
In Querença, the cat and the café are  
liquid shades on the tables.

## Caminho da Desmorecida

No Poço à esquerda. Depois os montes  
abraçados por um sol infinito. Picota, Parragil  
Soalheira

Na igreja de S. Faustino as promessas têm o  
peso do corpo. A fé ia à balança.

Habituações que vieram de Roma. O império  
No café da Boa Vista o balcão cansado,  
e já sem força nos dedos.

Nas paredes troféus muitos, e socorros.

*Procura-se cão que atende  
pelo nome de wiskie.*

Em frente, a toponímia é a página  
de um cancioneiro a inscrever na subida  
o corpo exausto de uma mulher.

Caminho da Desmorecida.

Do largo até à Rua do Palmeiral desce.

As habitações dispersas.

## Caminho da Desmorecida (Path of the Feeble)

At Poço, to the left. Then the hills  
hugged by an endless sun. Picota, Parragil  
Soalheira

At Saint Faustino church vows have the  
weight of a body. Faith went to the scale.  
Manners that came from Rome. The empire  
At Boa Vista café the tired counter,  
and powerless fingers.

On the walls many trophies, and cries for help.

*Lost dog who answers  
by the name of wiskie.*

Ahead, the toponomy is the page  
of a song book inscribing in the ascend  
the exhaust body of a woman.

Path of the Feeble.

From the square until Rua do Palmeiral descending.  
The scattered houses.

## Quarteira

O ócio mesmo quando o ócio não é verão.  
O grito de sal das gaivotas habituais.  
O mar a despenhar-se contra os dedos de pedra.  
Canas de pesca a curvar no fim das mãos  
a linha invisível  
do anzol.  
O silêncio a ruir ondas de espuma na praia.

Mais perto uma mulher a ler enquanto uma criança  
mete o chão dentro de um balde.  
Miúdos a pedalar a infância.  
Velhos pousados nos bancos de cimento.  
Rapazes a mergulhar canas na areia.  
A ambição da indústria imobiliária a erguer paisagens  
de betão.

Ao longo do calçadão outro agosto a fingir barcos  
de navegar nas esplanadas.  
O comércio a pendurar artes de pesca nos restaurantes.

Ócio e Negócio. Pessoas. Prédios. Peixe.  
Em Quarteira, o anzol  
a puxar a existência amestrada, obediente e submissa,  
a morte aos bocados sobre a vida decretada.

## Quarteira

The idleness even when the idleness is not Summer.  
The cry of salt of the usual seagulls.  
The sea crashing against the stone fingers.  
Fishing rods bending at the edge of hands  
the invisible line  
of the fishhook.  
Silence crumbling down waves of foam on the beach.

Closer, a woman reads as a child  
lays the ground into a bucket.  
Youngsters pedalling childhoods.  
Old men placed on cement benches.  
Boys diving canes on the sand.  
The ambition of real estates rising sceneries  
of concrete.

Along the boardwalk another August pretending boats  
to navigate on promenades.  
Commerce hanging fishing gear on the restaurants.

Idleness and business. People. Buildings. Fish.  
At Quarteira, the fishhook  
pulling the domesticated existence, obedient and subdued,  
the shattered death over declared life.

## Boliqeime

A tarde a nascer devagar na luz poente da cal.  
O céu limpo e só azul.  
Carros arquivados na berma da estrada.  
O nome da farmácia uma fachada inteira.  
Estrangeiros a sentar vinho e cerveja no passeio.  
Um cão amputado levantando-se nas três pernas.  
O equilíbrio sólido das árvores a tremer  
a brisa sussurrada.

Antes a casa e o seu abandono.  
A natureza a crescer na soleira da porta.  
O corredor de flores secas.

E só depois Boliqeime e o destino móvel das casas.  
As bocas geladas num banco da igreja.  
Seis olhos na parede a pairar sobre o largo.

## Boliqueime

The afternoon rising slowly in the Western light of the limestone.  
The sky clear (and) just blue.  
Cars filed on the roadside.  
The name of the pharmacy an entire façade.  
Foreigners sitting wine and beer on the sidewalk.  
An amputated dog rising on three legs.  
The firm balance of the trees trembling  
the whispered breeze.

Before, the house and its abandonment.  
Nature growing at the threshold of the door.  
The corridor of withered flowers.

And only afterwards Boliqueime, and the destination of the mobile homes.  
The frozen mouths on a church bench.  
Six eyes on the wall hovering over the square.

Nos quintais  
um verde de trazer pela mão,  
como cães atrelados nas margens do dia,  
os jardins entre muros desenhados.  
Casa sem tradição nem arquitetura.  
O estranho caso dos pilares interrompidos  
da vivenda de um emigrante.

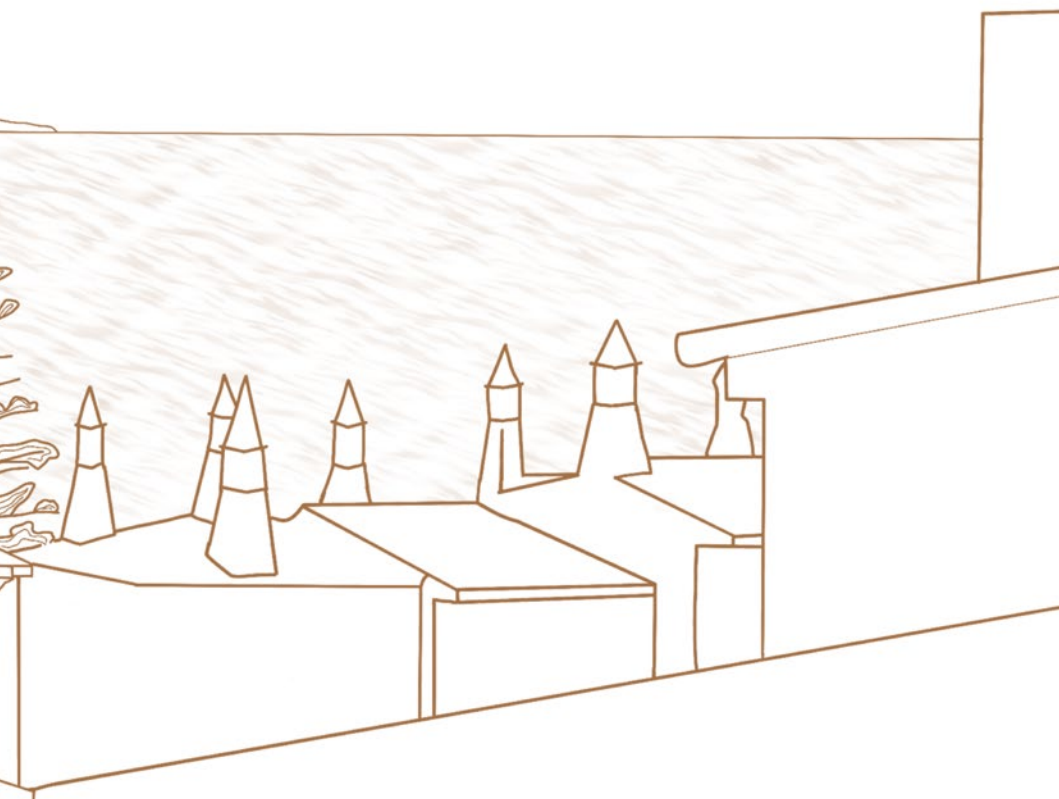
As janelas abrem para a luz. Ao fundo  
os montes desviam-se para dar olhos ao mar.  
Gente quase nada.  
Nos cafés alguma.

On the yards  
a green carried by the hand,  
as dogs harnessed on the edges of the day,  
the gardens between walls, drawn.  
Houses without heritage or planning.  
The strange case of the interrupted pillars  
on the house of an emigrant.

The windows open to the light. Afar  
the hills dodge to uncover the sea.  
People almost none.  
At the cafés, some.



# Albufeira



## Albufeira

Gaivotas inquietas nos ouvidos.

O moinho a afundar-se no cimento dos prédios.

Casas brancas como um murmúrio de espuma.

O largo internacional.

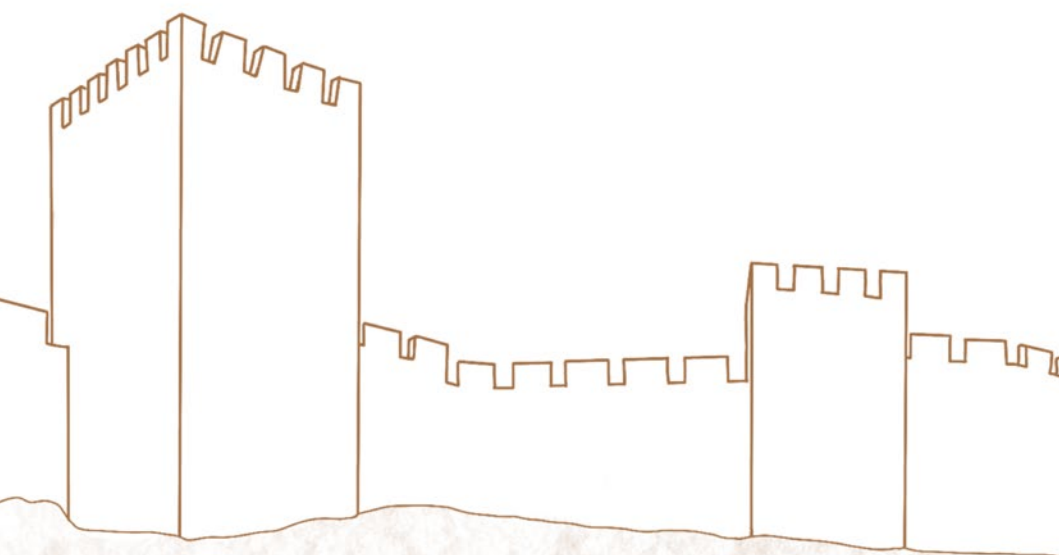
Barcos silvestres a lavrar o ócio da tarde.

No museu

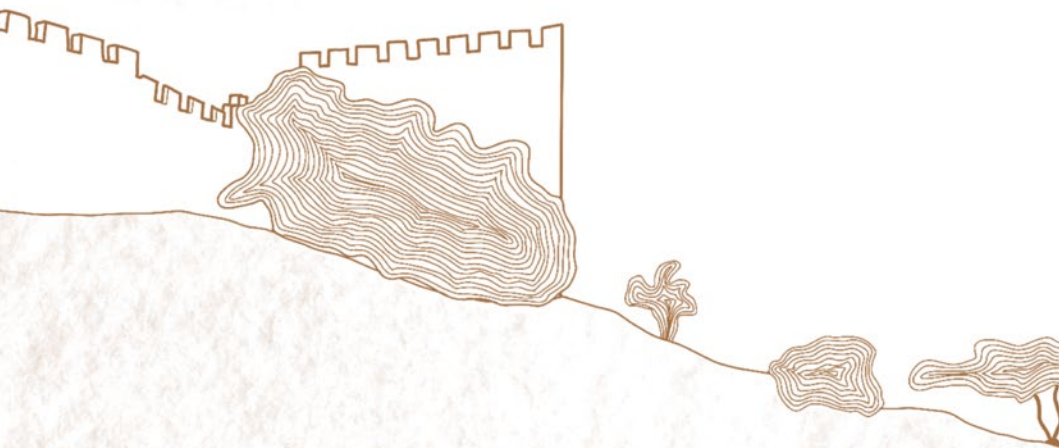
a janela de olhos abertos para o mar.

## Albufeira

Restless seagulls on the ears.  
The windmill sinking in the concrete of buildings.  
White houses as a whisper of foam.  
The international square.  
Sylvan boats ploughing the afternoon leisure.  
At the museum  
the window with open eyes towards the sea.

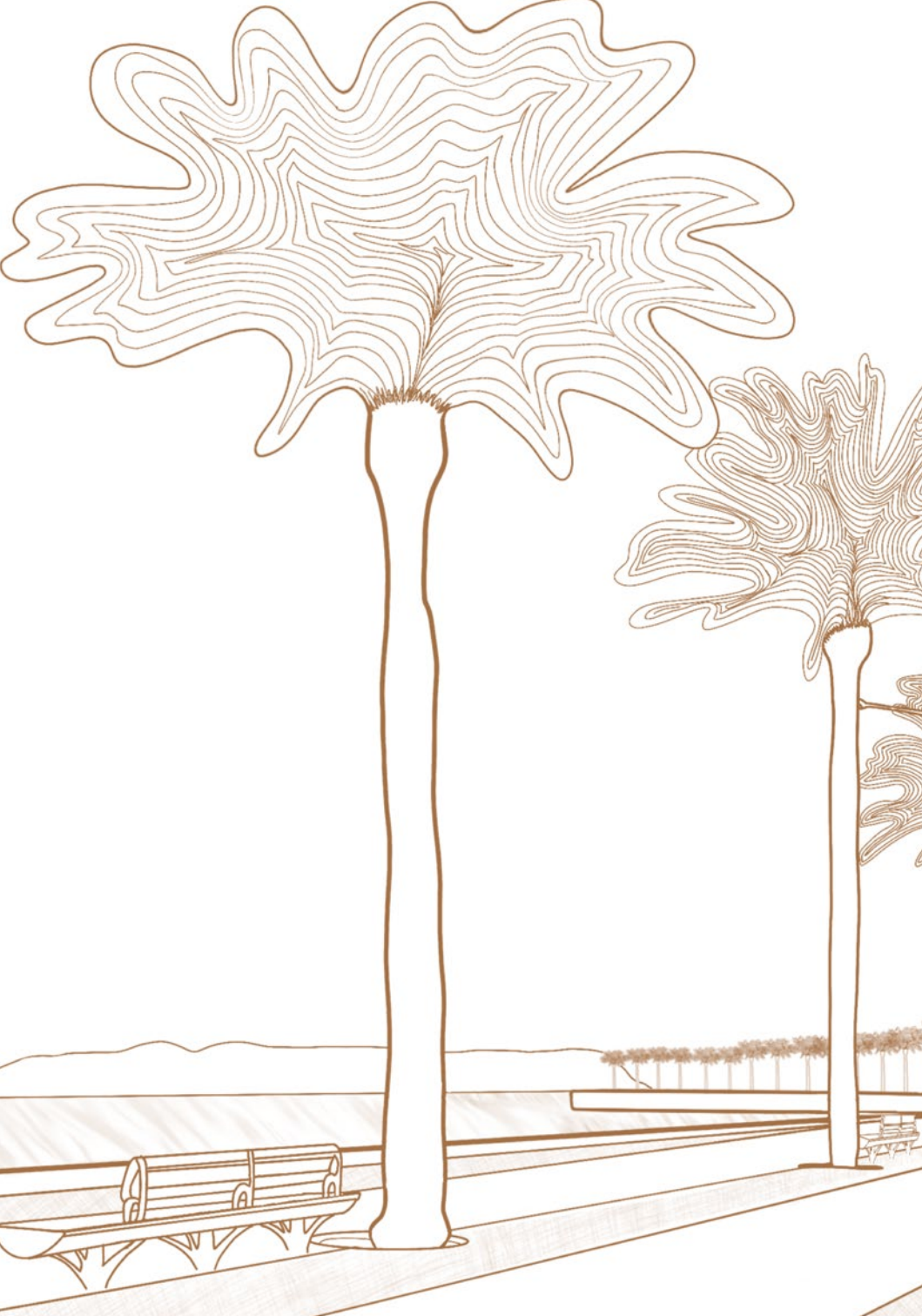


# Silves



A catedral branca.  
O castelo sanguíneo.  
A sede do rio a tornar a ponte inútil.  
Jardins para embrulhar mágoas e ausências.  
A nudez diurna das estátuas.  
O movimento suicidário em torno da poesia.  
O peso indecifrável das ruas que sobem.  
A leveza do amor.

The white cathedral.  
The blood castle.  
The thirst of the river rendering the bridge useless.  
Gardens to wrap sorrows and absences.  
The day light nakedness of statues.  
The suicidal movement around poetry.  
The indecipherable weight of the ascending streets.  
The buoyancy of love.



# Portimão



Um equívoco quase sempre.  
A magnificência desolada de tudo.  
Beirais entregues a uma ruína silvestre.  
As montras a falar alto:

*vendo todo stock.*

A tinta estalada das paredes.  
Muita gente de outros lugares e as suas  
vidas difíceis.

Brinquedos anteriores às baterias.

A voz manuscrita de um aviso:

*Se precisar*

*de algo da loja telefone pois eu*

*tiver (se) virei logo.*

Casas com vida de aldeia para fora.

A brancura fácil de deus nas ruas pouco evidentes.

Um louco rápido, magro e de óculos espessos.

O largo aberto. O rio ainda.

O cais para onde?

An almost permanent misunderstanding.  
The devastated magnificence of everything.  
Eaves surrendered to a wild ruin.  
The store windows speaking loudly:

*all stock for sale.*

The cracked paint on the walls.  
A lot of people from elsewhere and their  
hard lives.

Toys older than batteries.

The written voice on a warning:

*If you need*

*anything from the store please call as I*

*have (if) will come.*

Village lives outside the houses.

The easy whiteness of god in less evident streets.

A swift mad man, thin, with thick glasses.

The open square. The river, still.

The pier, where to?

Nascem da espera da estação os comboios anunciados.  
O edifício plano, como as carruagens.  
O jardim pouco evidente, o largo sobretudo.  
A esquina redonda e poliglota do hostel.  
Rooms Chambres Zimmer  
A ruína sem utilidade das oficinas, de um lado.  
Do outro, o estaleiro de materiais de construção.  
Uma rua que sobe os trânsitos proibidos, em frente.  
Por cima dos armazéns, ao fundo, os prédios altos.  
Gente que chega. Espera com a cabeça nos telemóveis  
e se vai. Gente que não deixa nada.  
Os táxis nervosos. O inverno vazio.

É deste morrer pouco a vida em suspenso da estação.

They are born from the waiting the announced trains.  
The flat edifice, as carriages are.  
The less evident garden, the square mainly.  
The round and multilingual corner of the hostel.  
Rooms Chambres Zimmer  
The useless ruin of the workshops, on one side.  
On the other, the shipyard of construction materials.  
A street that goes up the forbidden traffics, ahead.  
Above the warehouses, afar, the tall buildings.  
People that arrive. They wait with their heads on their phones  
and go. People who leave nothing.  
The anxious taxis. The empty Winter.

It is from this dying little the life suspended of the station.

## Livro de visitações

Nenhuma rua se demora tanto como as casas,  
como aquelas casas, a abrir os olhos longos para o mar.  
Na Mexilhoeira Grande, o rosto branco.

Em frente à capela o poeta estará à distância da tua voz.  
Habita uma arquitetura só possível ali, naquele sul  
como em nenhum outro lado poderia ser.  
Os tetos tão altos que fazem supor o céu dentro deles.  
A impressão das paredes distantes.

As ruas, a fé, as árvores, tudo parece mais longínquo do que nós.  
Depois de ti, Nuno, a casa ainda. Apenas a poesia lhe sobreviverá.  
As paredes serão outra cinza. Um vazio. O silêncio puro.  
Tudo tem um prazo e só tu sabes do ofício da perpetuação.  
As palavras possíveis noutra milénio.

Recordo a mesa posta debaixo das buganvílias.  
A sombra passageira que as aves entardecidas  
derramavam sobre as casas.  
Que memórias transportariam nas suas asas de cal?

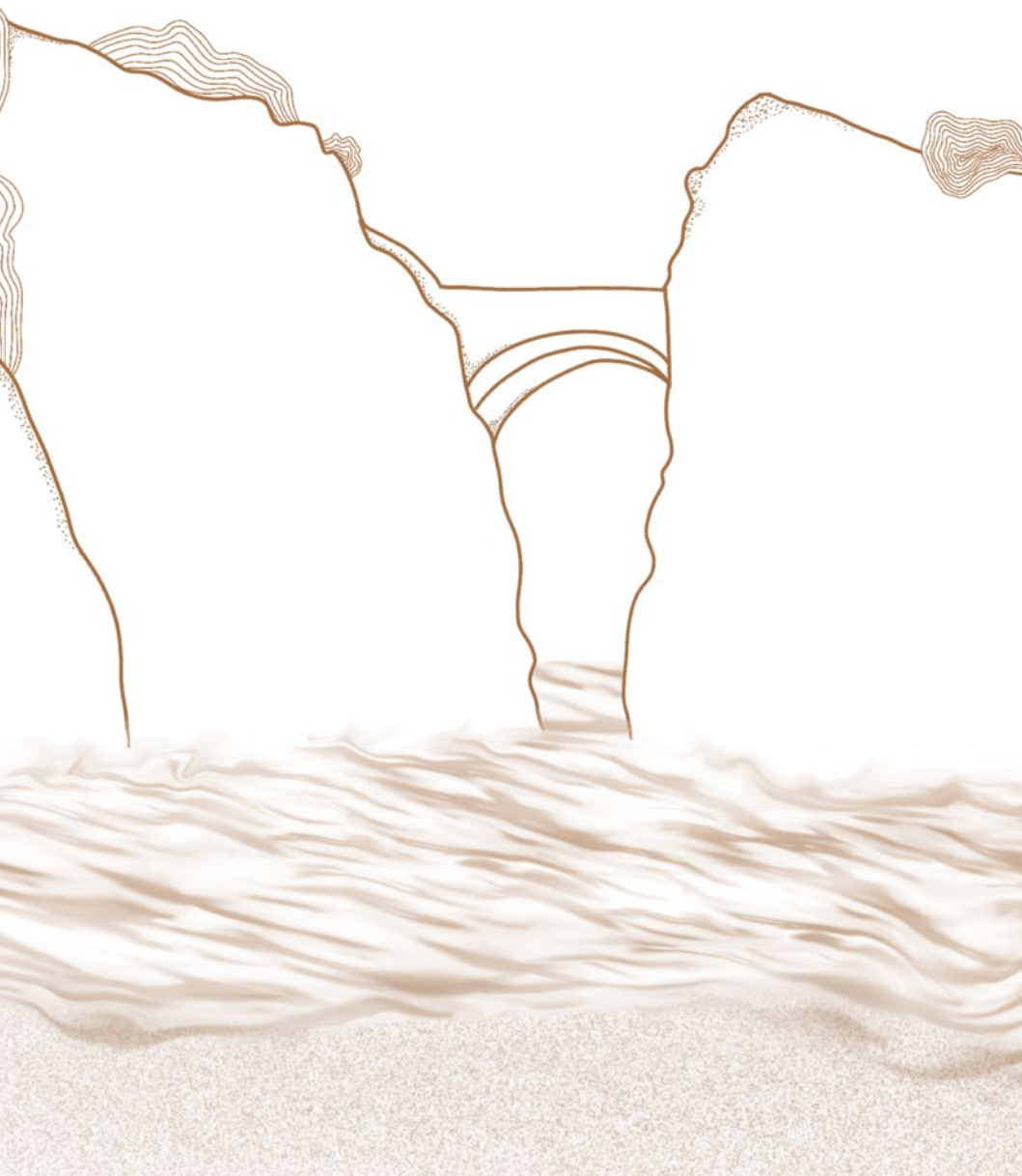
## Visitations book

No street lingers as much as the houses,  
as those houses, opening their long eyes towards the sea.  
At Mexilhoeira Grande, the white face.

In front of the chapel the poet will be within the distance of your call.  
He dwells in an architecture only possible there, on that South  
nowhere else would that ever be.  
The ceilings so high they presume the sky within them.  
The imprint of distant walls.

The streets, the faith, the trees, everything seems farther than us.  
After you, Nuno, the house still. Only poetry will outlive it.  
The walls will be other ashes. An emptiness. The pure silence.  
Everything has a due date and only you can master the métier of furtherance.  
The possible words on another millennium.

I recall the table set under the bougainvillea.  
The fleeting shade that afternoon birds  
poured over the houses.  
What memories would they carry on their wings of limestone?



Lagos



## Mercado

Não é fácil perceber em Lagos uma noite  
caída aos pés como um vestido que se despe.  
Chega-se a uma cidade nítida. Há demasiada luz.  
Respira-se largo na geometria branca das paredes.  
A sombra, negra como a cegueira, é um corpo  
que se sente.

A claridade tem as suas arestas. Nos cantos do dia  
cresce um bolor que não se vê. Essa noite  
impercetível aos olhos.  
Em Lagos, a memória corrompe a claridade.

A toponímia dos descobrimentos. O rei trágico.  
A ribeira terminada. Outra água que começa,  
o mar plano e até longe.  
Nada nos faz sentir o lugar da forca. José Joaquim  
o último condenado.  
A alfândega onde se comerciavam homens.

Nenhum amanhã de Lagos é a manhã de 8 de agosto.  
A do desembarque dos escravos e da sua divisão.  
Maravilhosa coisa de se ver escreveu Zurara.  
Cabeças baixas, o rosto de água, gritos  
gemidos dolorosos. Olhos no céu bradando altamente.  
Cativos de razoada brancura uns, pardos outros. Negros.  
Ferindo o rosto, atirando-se para o chão, a cantar lamentações.  
Divididos como pão que se parte para bocas diferentes.  
Apartados os filhos dos pais. As mulheres dos maridos. Irmãos de irmãos.  
As mães apertavam os filhos nos braços e lançavam-se à terra.  
Tornavam-se carapaças a volta deles.

## Market

It is not easy to understand at Lagos a night  
fallen at the feet, as a dress unclad.  
You arrive at a clear town. Too much light.  
You breathe the square in the white geometry of walls.  
The shadow, black as blindness, is a body  
perceived.

The clarity has its edges. At the corners of the day  
a mould one cannot see grows. That night  
unrevealed to the eyes.  
At Lagos, memory corrupts clarity.

The toponymy of the Discoveries. The tragic king.  
The finished stream. Another water that starts,  
the untroubled sea (and) so far away.  
Nothing makes us feel the site of the gallows. José Joaquim  
the last convict.  
The customs where men were sold.

No tomorrow of Lagos is the morning of the 8th August.  
The slaves disembarking and torn apart.  
A wonderful thing to see, wrote Zurara.  
Heads down, faces of water, shouts  
painful moaning. Eyes to the sky screaming loud.  
Captives of reasoned whiteness some, brown others. Black.  
Hurting their faces, throwing themselves down, lamenting.  
Split up as the bread being broken for different mouths.  
Divided parents from children. Wives from husbands. Brothers from sisters.  
Mothers holding their children tight, casting themselves to the ground.  
Became shields surrounding them.

Nenhum lança arriscava perder dinheiro.

Toda a morte que lhe davam era aquele sofrer dentro deles

e as feridas que recebiam com pouca piedade das carnes.

A cuidar da sua parte, em cima de um poderoso cavalo

o Infante.

Em Lagos, só a memória corrompe a brancura de tudo.

No spear risks losing money.

All the death they were given was the one they were suffering inside  
and the wounds they took on the flesh with little mercy.

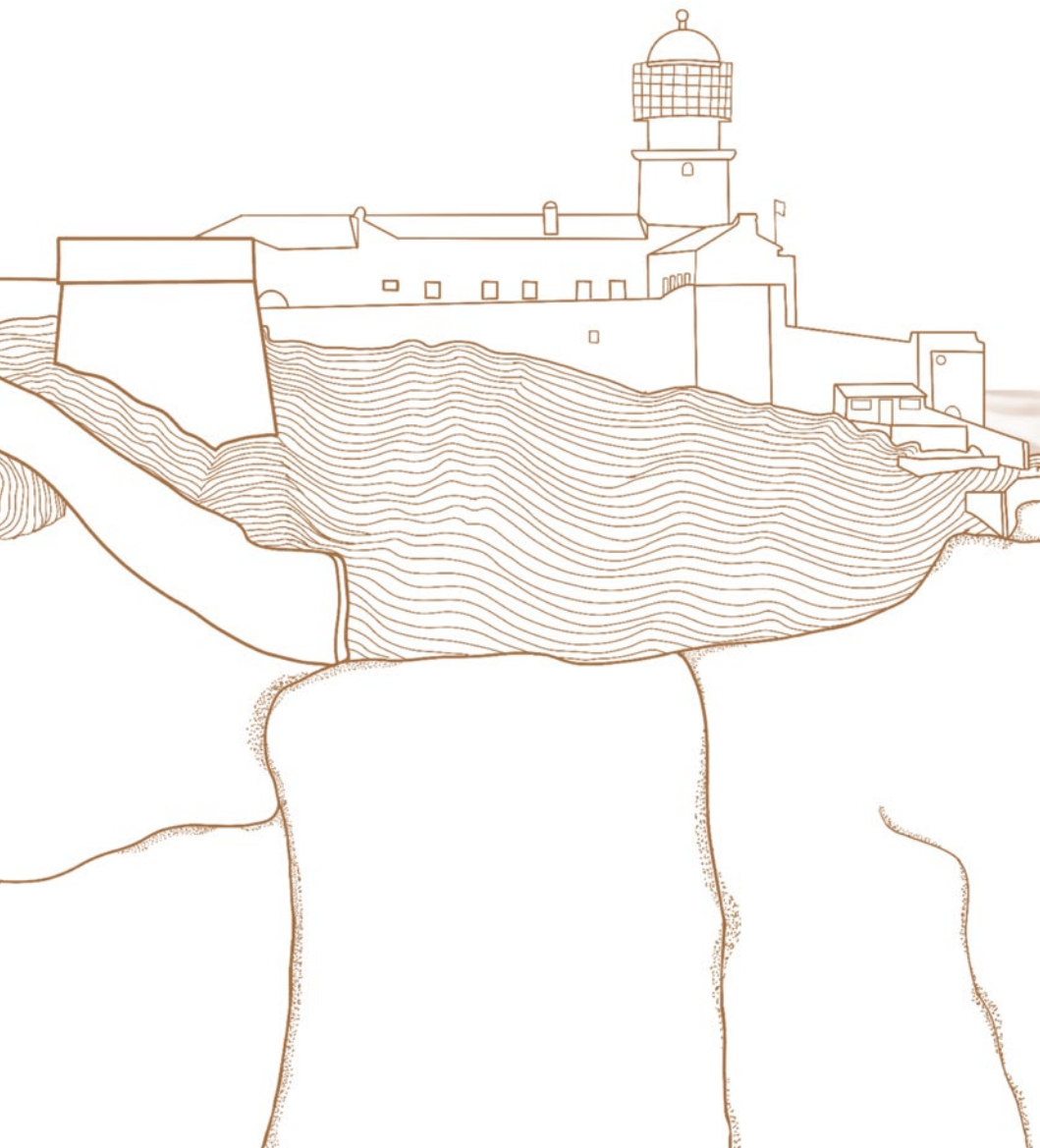
Minding his share, on a powerful horse

Henry, the Navigator.

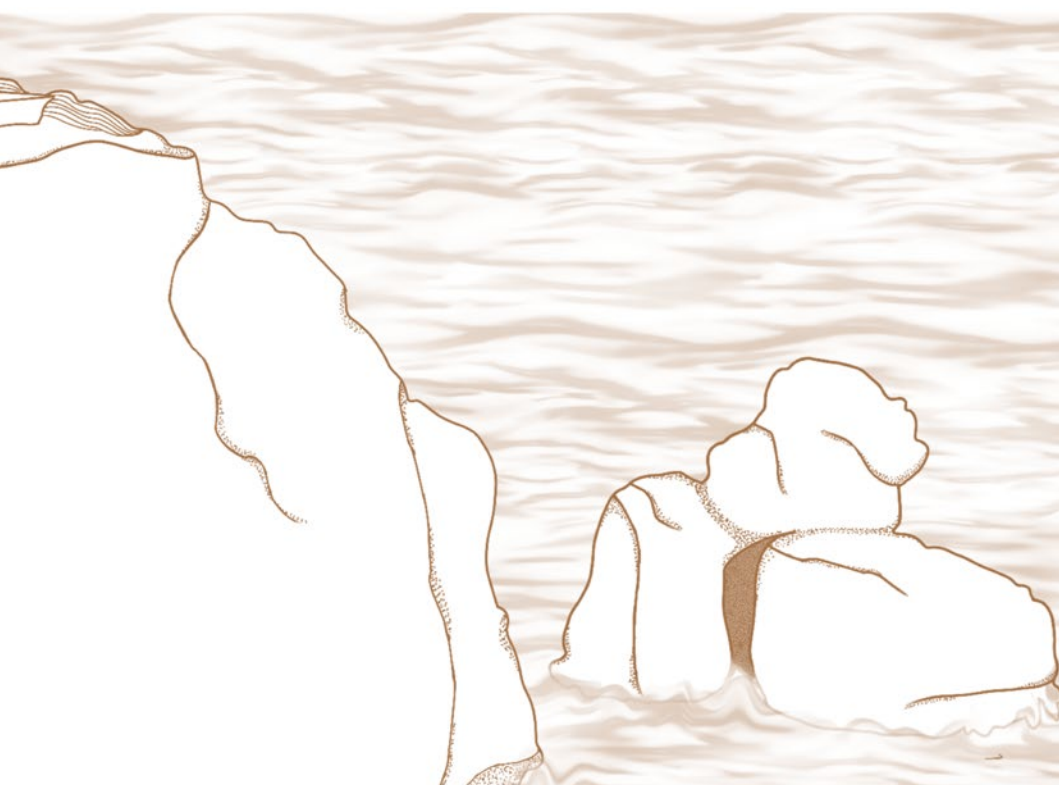
At Lagos, only memory corrupts the whiteness of it all.

Na cidade há paredes que choram.  
Ócio despreocupado na nudez das varandas.  
O largo é uma orquestra e D. Sebastião  
sempre novo.

In town some walls weep.  
Careless leisure in the nakedness of balconies.  
The square is an orchestra and king Sebastião  
always young.



# Vila do Bispo



## Fortaleza

A sede quente do meio-dia submerso  
em fogo.  
Muros a unir propriedades como linhas de soldadura.  
Paredes altas como a ambição longínqua  
dos homens.  
Cardos agudos como o medo.  
Caminhos irregulares.  
A linha da costa azul na paz dos corsários.  
As armadas estrangeiras em mares distantes.

## Fortress

The hot thirst of midday submerged  
in fire.

Walls joining estates as welding strings.

Barriers high as the distant ambition  
of men.

Cirsiums sharp as fear.

Irregular paths.

The blue coastline in the peace of the privateers.

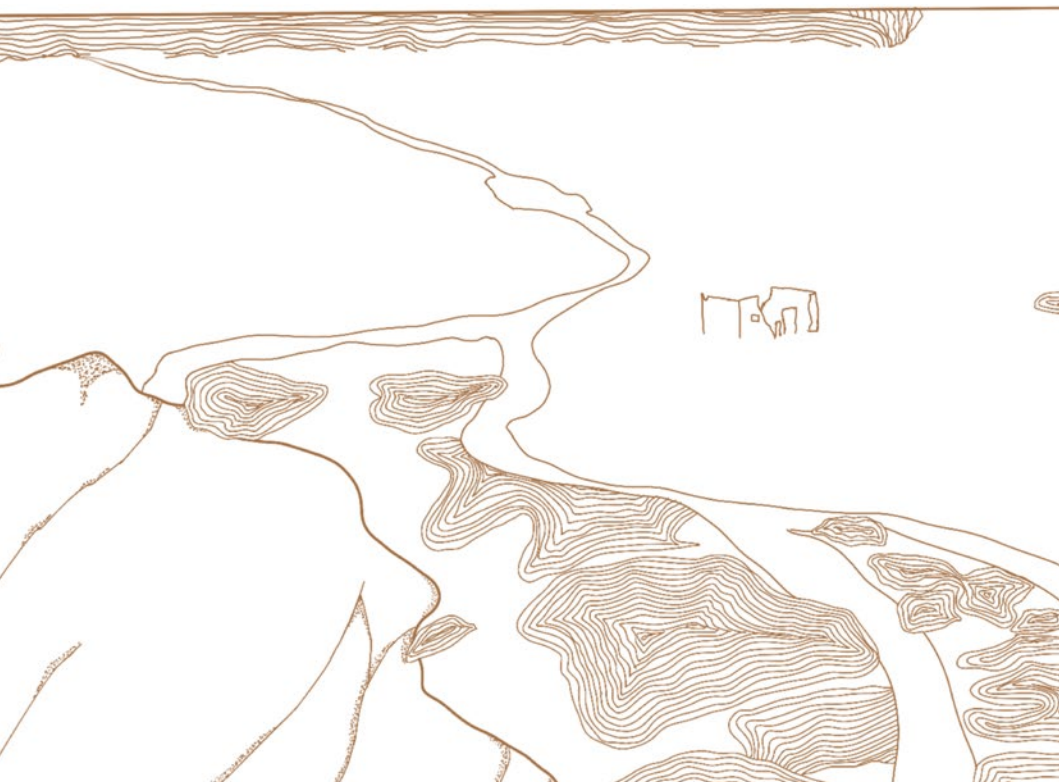
The foreign armadas at distant seas.

## Pausa

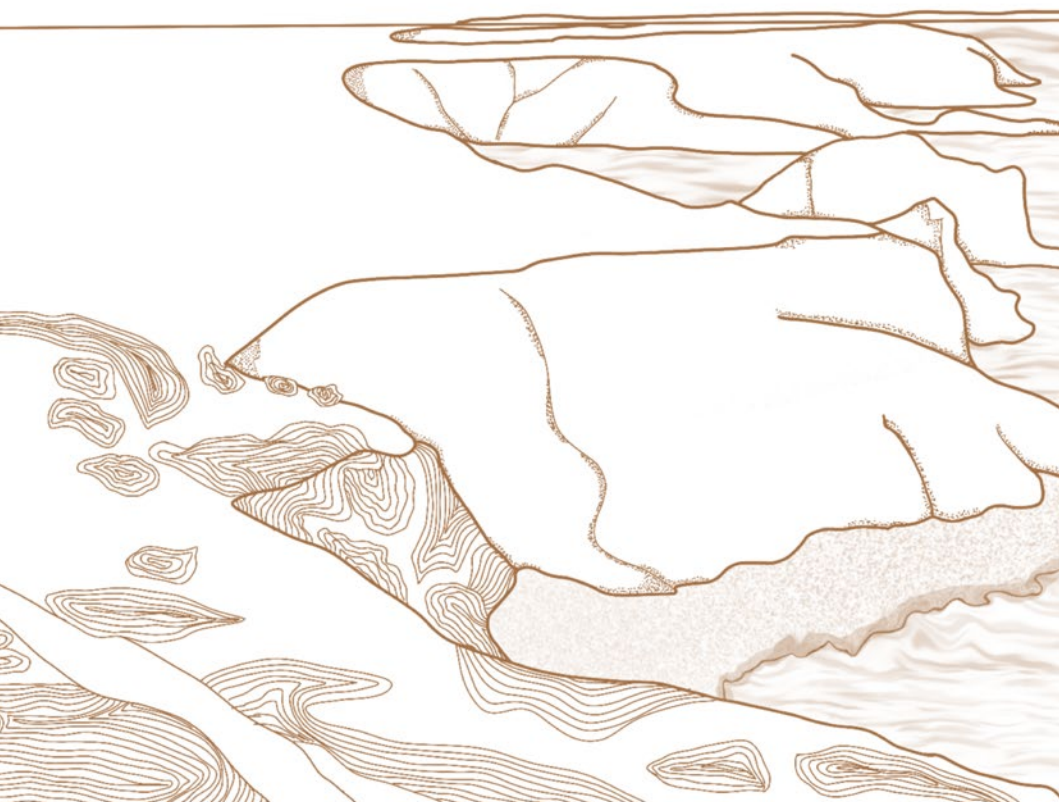
Nas ruínas da fortaleza descanso os pés.  
Sento-me com o mar colado à consciência.  
Mar sem divisórias nem genealogias e ainda assim tantos mares.  
No abandono desta arma litoral, baleia de pedra encalhada na praia  
tenho a certeza de que a terra não poderia ser apenas uma  
mesmo que subtraíssemos ao mundo a invenção dos muros.

## Pause

Upon the remains of the fortress I rest my feet.  
I sit with the sea clinging to my consciousness.  
Sea without partitions or genealogies and still so many seas.  
At this forsaken coastal weapon, a stone whale stranded at the beach  
I am sure that all the earth could not be just one  
even if we subtracted to the world the invention of walls.



Aljezur



## Ribāt Al-Rihana

O horizonte demorado.  
A vertigem. As dunas azuis.  
Dedos de terra a entrar pelo mar.  
O inverno a acender nevoeiros.  
O mistério a envolver os olhos como  
uma noite que cai.  
O vento molhado.  
Debaixo dos pés o chão sem língua.  
O silêncio. A sensação de haver casas e deuses.  
As paredes atiradas ao chão.  
O esquecimento a sepultar a jihad.  
A faca. A traição.  
Ibn Qasi assassinado.

## Ribāt Al-Rihana

The prolonged horizon.

The dizziness. The blue dunes.

Fingers of land entering into the sea.

The Winter igniting fogs.

The mystery embracing the eyes as  
a nightfall.

The wet wind.

Under the feet the ground with no tongue.

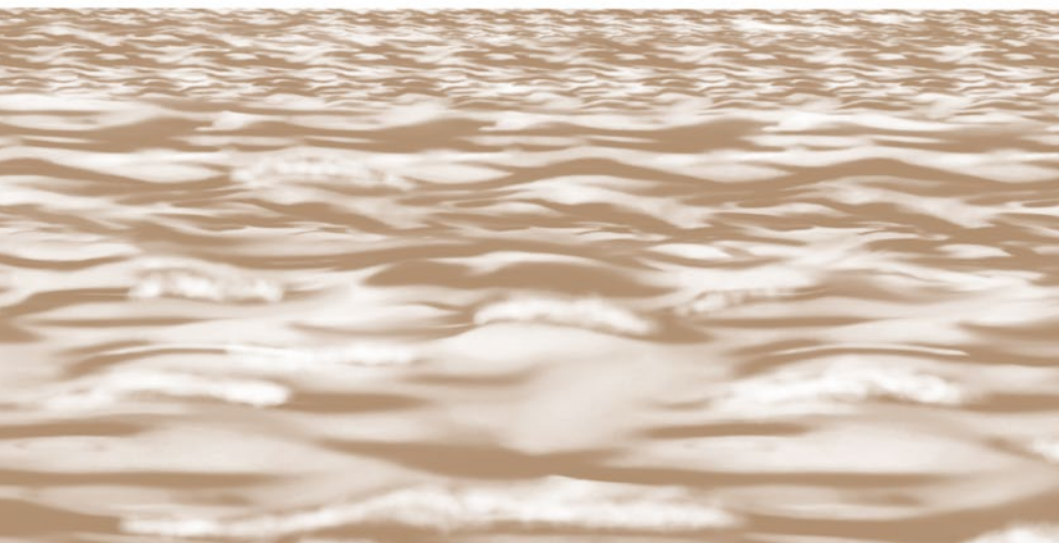
The silence. The presentiment of houses and gods.

The walls thrown to the ground.

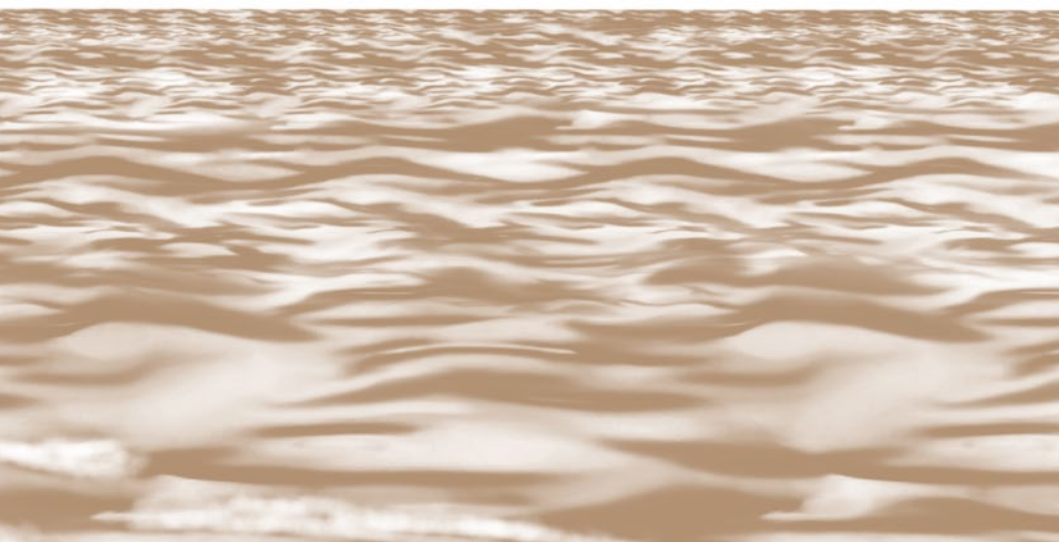
Forgetfulness burying the jīhad.

The knife. The treason.

Ibn Qasi assassinated.



Mar  
Ocean



## Mar

São tanto mares o mesmo mar. Tantas  
ilhas o mesmo oceano. Tantos  
marinheiros a solidão líquida dos teus olhos.

Um dia entrarás pelas águas como quem passeia  
num campo verde de flores.

Lembra-te de pousar o coração na areia.  
Não afogues o amor ao tentar naufragar a solidão.

## Ocean

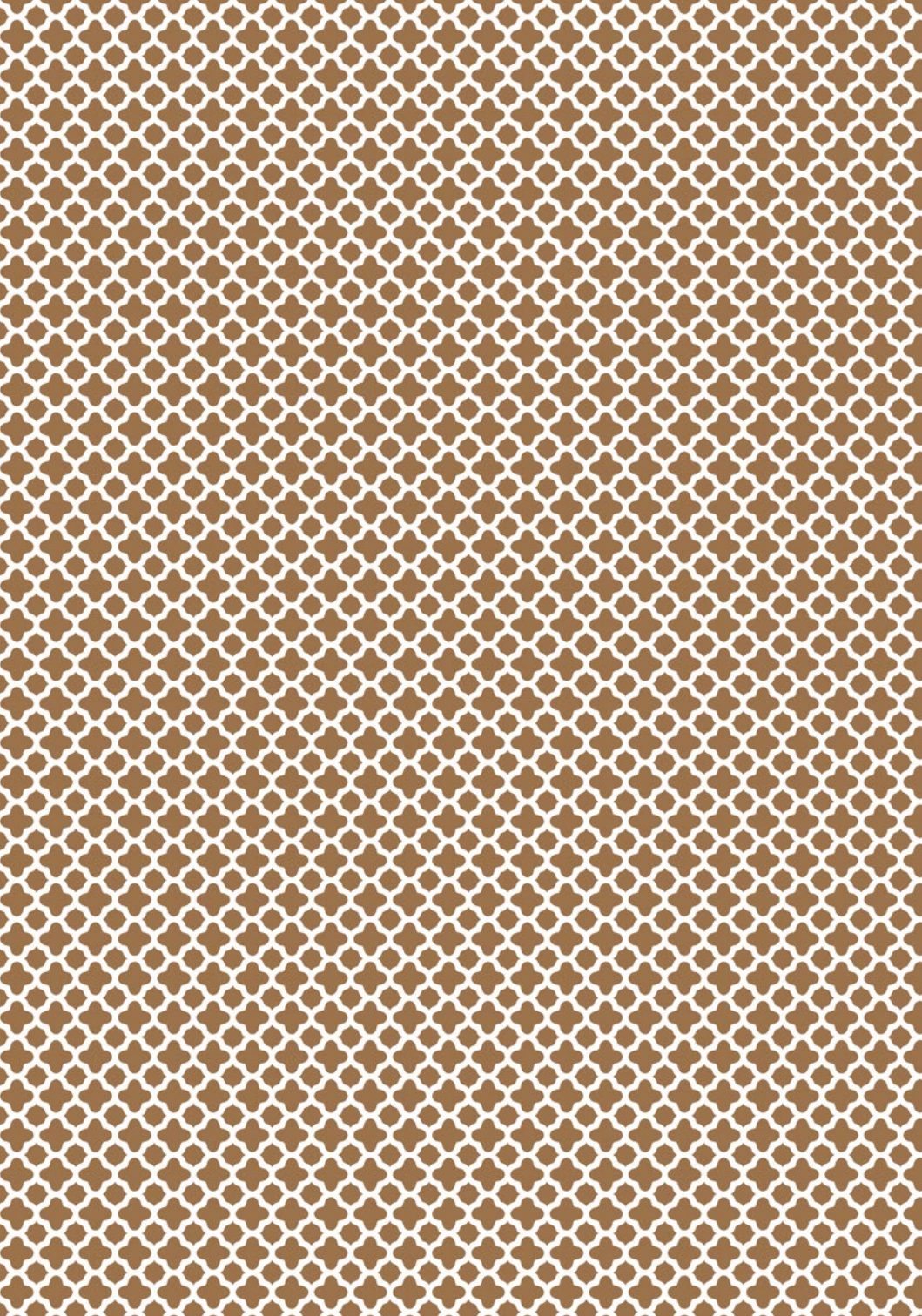
So many seas the same sea. So many  
islands the same ocean. So many  
mariners the liquid solitude of your eyes.

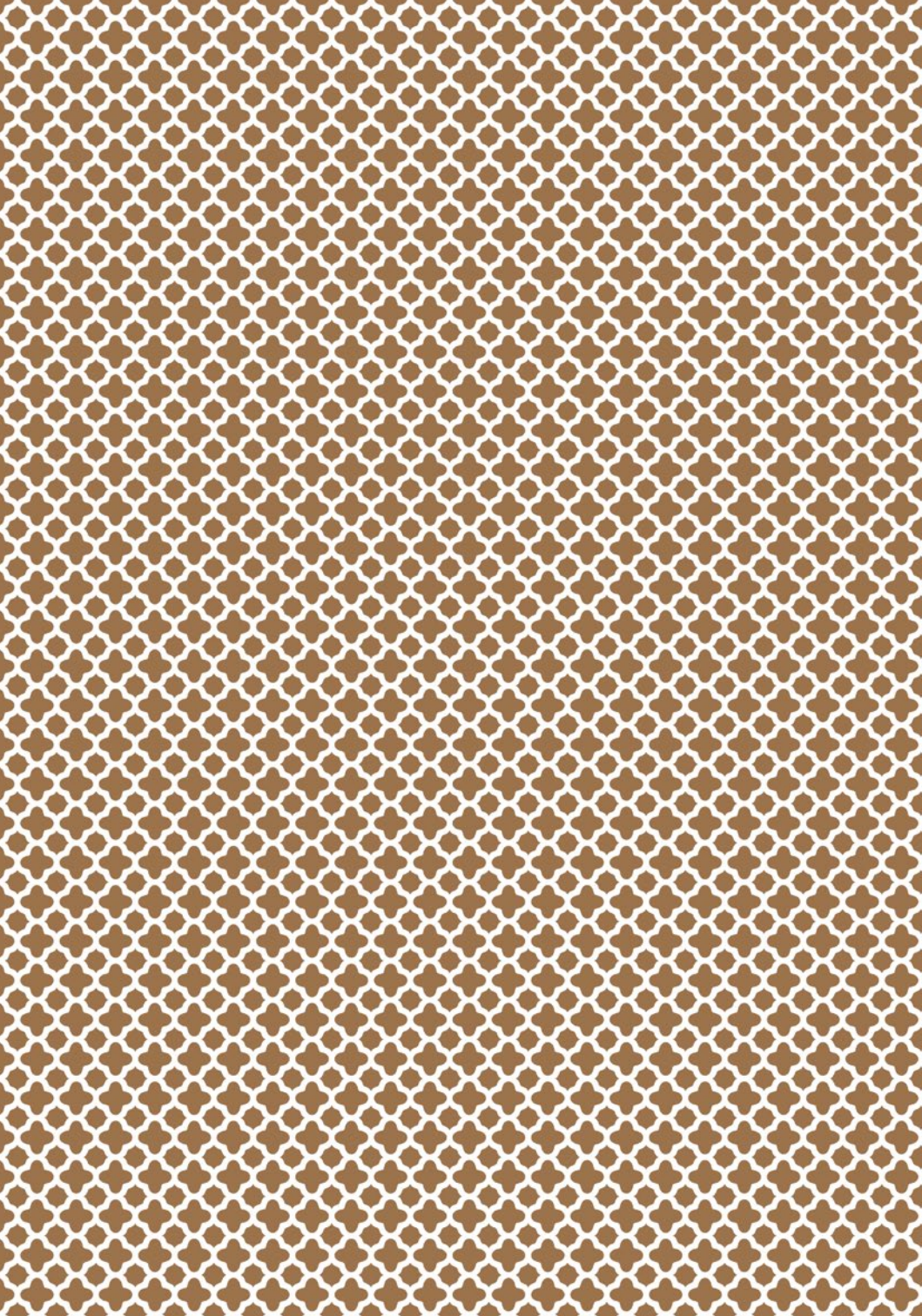
One day you will step into the waters as if strolling  
along a green field of flowers.

Remember to place your heart on the sand.  
Do not drown love by trying to submerge solitude.









Percorrer as páginas deste livro é partilhar a viagem com o poeta-viajante. É acompanhá-lo na evocação e convocação de memórias e fantasmas que faz presentes no momento da (re)escrita dos lugares, desenhando um Algarve que é simultaneamente familiar, como a casa da infância, e um lugar estranho. É deixarmo-nos ir como um viajante que deambulou física e mentalmente pela cartografia geográfica guiado por uma *travelling imagination* que transpõe para o papel sobre o qual materializa o seu Algarve e o oferece aos leitores em forma de poemas.